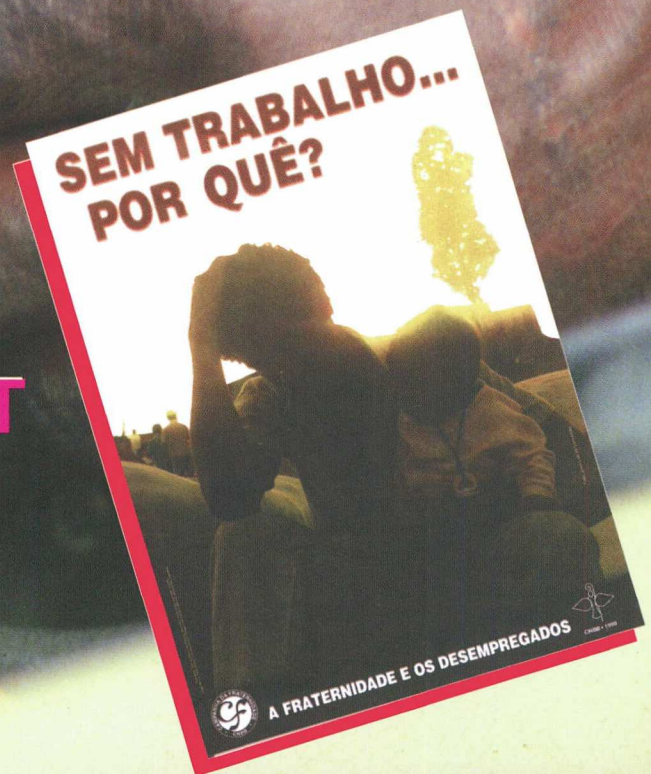


MARIAIA

**FRATERNIDADE
E OS
DESEMPREGADOS —
SEM TRABALHO...
POR QUÊ?!**

**QUARTA-FEIRA DE
CINZAS DE T.S. ELIOT**

ENSINAR A ODIAR



Oração da Campanha da Fraternidade'99

Senhor nosso Pai,
Deus de todos os povos,
Criador de todas as coisas,
Deus trabalhador,
dai-nos um coração compassivo e operoso
como o do Bom Samaritano,
solidário com os desempregados,
persistente na busca de novas alternativas de trabalho
para garantir vida digna e esperança para todos;
um coração comprometido com uma nova sociedade
de justiça e paz.

Ó Pai, pedimos,
pela força de Vosso Santo Espírito,
sejamos construtores do Reino,
a caminho de um Novo Milênio
sem exclusão social.

Por Vosso Filho,
Jesus Cristo Trabalhador,
denunciador da idolatria do dinheiro e do poder,
Profeta da caridade e da vida em abundância para todos.
Amém.



Trabalho e esperança

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62). Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Avelino S. de Godoy; Antônia Portero Simon.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura: R\$ 20,00. Número avulso: R\$ 2,50

Ligue grátis: 0800-55 5021

Ave Maria na Internet:

www.avemaria.com.br/revista

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave Maria a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Antônio Cesar (SP); Pe. Pedro Jordá; Maria Cristina Almeida Prado (SP); Luiz Paulo Zago, Araçatuba (SP).

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se que é importante V.Sra. manter sua anuidade em dia. Se V. Sra. tiver dúvida quanto a data do vencimento, ligue a cobrar para a Revista Ave Maria 9(011)3666-2128 ou 0800-555021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

<http://www2.netpoint.com.br/claretianos/>

servbib/servbib.htm

Em recente notícia de jornal, uma mãe de 4 filhos, grávida, resolveu suicidar-se. Subiu num dos mais altos edifícios de São Paulo e do topo, desesperada tentou lançar-se para baixo. Graças à habilidade dos bombeiros esta mãe foi salva. Motivo do desespero: ela e o marido, prestes a serem despejados estão desempregados há mais de meio ano. Já venderam tudo o que tinham dentro de casa para se alimentarem, até que chegaram no limite: não têm nem o que comer. Daí o desespero e a tentativa de suicídio.

O Papa João Paulo II em “Gratidão por 1998” (p. 6) recorda que a fé cristã nos faz agradecer a Deus porque o Espírito Santo revela-nos que ele é Pai. Certamente como Pai jamais deixaria um filho ou filha cair no desespero. João Paulo II diz que a Igreja deve ser generosa e sensível às necessidades dos irmãos, particularmente dos mais pobres. “Penso nas famílias que têm dificuldades em corresponder às despesas diárias, nas pessoas em estado de abandono”. Quando o Papa diz “pensa”, quer dizer no sentido religioso, isto é, do envolvimento e compromisso com o próximo que o Espírito Santo faz existir em quem crê. Os que pensam, sentem e agem conforme o mundo neoliberal não se interessam se pessoas perdem o emprego, mesmo se muito necessitadas, nem se importam pelos empobrecidos e abandonados ao próprio desespero.

“O Espírito que clama em nossos corações: Abba! Pai!” como ensina Paulo apóstolo em sua carta aos gálatas (4,6), é de uma abrangência amorosa infinita, não quer que se perca nenhum dos pequeninos. O Deus de verdade ao qual chamamos de Pai só está presente e é amado como pede o primeiro mandamento quando os principais responsáveis pela vida da sociedade, os governantes, criam esperanças verdadeiras.

“Fraternidade e os Desempregados — Sem trabalho... por quê?!” (p. 7). Com esse tema a Campanha da Fraternidade deste ano quer nos mobilizar em direção aos excluídos do trabalho, aos demitidos do “pão-nosso-de-cada-dia”. A CF’99 conclama a sociedade para a busca de políticas, caminhos e soluções que garantam a dignidade humana de todos os cidadãos com o trabalho. É preciso acreditar que é possível pensar e realizar uma economia solidária e criar uma vontade política para mudar o rumo da economia, de acumulativa e egoísta, para equitativa e justa.

Os primeiros quatro versos do salmo 71 pedem a Deus que julgue os nossos governantes em suas ações, para que sejam de justiça e equidade, isto é, que a ninguém do povo falte o necessário para viver com dignidade, com esperança e paz.

P.C.G.

III ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS



No dia 27/12/98, festa da Sagrada Família, o Papa João Paulo II explicou que o Pontifício Conselho para a Família está organizando o III Encontro Mundial das Famílias, a realizar-se em Roma, dias 14 e 15 de outubro do ano 2000, no contexto do Jubileu. O lema do encontro será: "Os filhos, primavera da família e da sociedade". Comentando o tema, o Papa disse: "Exatamente em Nazaré brotou a primavera da vida humana do Filho de Deus, no momento em que foi concebido pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria. Dentro das paredes acolhedoras da casa de Nazaré transcorreu na alegria a infância de Jesus".

ANO DA CARIDADE

Dentro do tema deste terceiro ano de preparação ao Jubileu do ano 2000, que tem a virtude da Caridade como

inspiração para a ação, a Cáritas do Rio Grande do Sul definiu uma série de projetos e atividades para serem desenvolvidas em todo o Estado.

Segundo o Secretário Estadual da entidade, Telmo Adams, o objetivo é estimular a dimensão de serviço da Igreja para a sociedade, especialmente à população marginalizada. Serão organizadas comissões de serviço social da Igreja em todas as comunidades. Nos locais onde esse organismo já existe, a meta é aperfeiçoá-lo com uma metodologia participativa, para que se evitem atendimentos isolados ou esporádicos. A Cáritas pretende estimular as comunidades para que façam do Ano da Caridade um momento de compromisso de transformação da situação social.

1999 "ANO DOS IDOSOS"



A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou 1999 como o Ano

Internacional dos Idosos, com o tema "Rumo a uma sociedade para todas as idades". Segundo o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, "trata-se de promover uma sociedade que, ao invés de apresentar os anciãos como doentes e aposentados, os considere agentes e beneficiários de desenvolvimento". O Papa João Paulo II, aderindo a essa iniciativa, pediu ao Pontifício Conselho dos Leigos, do Vaticano, que elaborasse um documento sobre o assunto. Inicia enfrentando os desafios que apresenta a "revolução silenciosa": média de vida mais longa, por um lado, e queda vertiginosa de natalidade, por outro. Isso gera uma transição demográfica sem precedentes, que modifica completamente a pirâmide da idade nos últimos cinquenta anos: o número de idosos está em constante crescimento, enquanto os jovens estão diminuindo. Após uma série de reflexões, inclusive sobre a figura do ancião na Bíblia, o documento oferece orientações para a atenção da Igreja aos "mestres da vida".

CONDIÇÕES DESUMANAS

Segundo a Agência de Notícias "Ansa", 250 milhões de crianças, entre 05 e 14 anos, são obri-

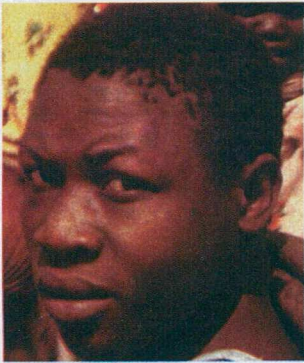
gadas a trabalhar em condições desumanas, tanto em países em desenvolvimento como nos industrializados. Nos primeiros, a realidade é muito maior e pode assumir uma situação de verdadeira escravidão. Nos segundos, pode-se falar em utilização clandestina de mão-de-obra de menores mal paga e excluída de todos os benefícios ou direitos previstos pela legislação social. Embora seja um fenômeno mundial, é na África onde se encontra o maior número de crianças obrigadas a trabalhar. Também na América Latina os índices são muito altos. Várias organizações humanitárias lembram que esta triste chaga social atinge todos os continentes e não pode ser combatida só em nível local.

100 MIL JOVENS EM ORAÇÃO

Foi o 21º Encontro de Jovens Europeus, promovido pela comunidade de Taizé, fundada há quarenta anos na França para trabalhar pela unidade entre as Igreja Católica e Cristãs. O Encontro realizou-se em Milão, na Itália, e reuniu jovens de toda a Europa. Foram acolhidos pelas famílias e paróquias de Milão e passaram a noite de fim de ano em oração.



PASTORAL PARA GRUPOS AFRO



Agentes de Pastoral Negros do Rio Grande do Sul realizarão, de 11 a 28 do corrente, encontro de estudo, em Caxias do Sul (RS). Segundo a coordenadora do programa, Vera Triunfo, o projeto atende à necessidade de formar quadros para o trabalho de animação com comunidades afro-descendentes. Destina-se a pessoas engajadas em atividades ou grupos afro, que tenham envolvimento com trabalhos pastorais. Entre os temas que serão abordados estão: A Identidade Negra e Auto-estima; o Negro na África e na Diáspora; Inculturação e Missão dos Agentes de Pastoral Negros.

TEOLOGIA PARA LEIGOS

A Diocese de Rio Grande (RS) está reativando a Escola para Evangelizadores, através do Curso de Teologia para Leigos. O curso visa prestar um serviço aos membros das comunidades, na área da formação teoló-

gica, em vista do fortalecimento da caminhada das comunidades eclesiais. A próxima turma iniciará o processo dias 19 e 20 de abril próximo, abordando o tema "Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo". O Bispo Diocesano, Dom Mário Stroher, acentua que o curso permitirá que os leigos se aproximem do método de reflexão teológica, pois os conteúdos serão apresentados de maneira acessível e popular.

FIGURAS MARCANTE DO SÉCULO XX



Duas personalidade marcaram o século XX para os britânicos: Madre Teresa e a Princesa Diana, diz pesquisa publicada no jornal "Time", em Londres, no dia 1º/01/99. Madre Teresa, Prêmio Nobel da Paz, faleceu em setembro de 1997 após 50 anos de incansável serviço aos pobres, na Índia e no mundo, lidera a pesquisa com 25%. Em seguida, com 17%, está a Princesa Diana, falecida em Paris, em agosto de 1997.

SUMÁRIO

4. **A IGREJA NO MUNDO**
NOTÍCIAS
6. **PALAVRA DO PAPA**
GRATIDÃO POR 1998
7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
FRATERNIDADE E OS DESEMPREGADOS SEM TRABALHO ... POR QUÊ?!
9. **FÉ E CIDADANIA**
CARNAVAL
JOÃO BATISTA LIBÂNIO
10. QUARTA-FEIRA DE CINZAS DE T.S. ELIOT
FREI BETTO
12. ENSINAR A ODIAR
PE. ZEZINHO
13. POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA:
OS DIREITOS DOS ALFABETIZANDOS
FRANCISCO GOMES DE MATOS
15. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
NOSSA SENHORA DE BONATE
ROQUE VICENTE BERARDI
16. **SANTOS - TESTEMUNHO DE VIDA CRISTÃ**
JOÃO BRITO E
EULÁLIA
RONALDO MAZULA
18. **HISTÓRIA DA IGREJA**
A IGREJA NA IDADE MÉDIA (VI PARTE)
RONALDO MAZULA
20. **REFLEXÃO BÍBLICA**
AS 17 "GRANDEZAS" DE MARIA
Geraldo Araújo lima
22. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
A GERAÇÃO DA VIDA
WIMER BOTURA JR.
23. **CULINÁRIA**
YVONNE BARROS OLIVEIRA
26. **LITURGIA DA PALAVRA**
DE 28 DE FEVEREIRO A 28 DE MARÇO DE 1999
ADELINO DIAS COELHO
32. **RELENDO A BÍBLIA**
FRATERNIDADE E DESEMPREGADOS
NORMA TERMIGNONI
33. **MAÍRA**
TINA GLÓRIA

Gratidão por 1998

O papa João Paulo II, durante a celebração do *Te-Deum* de ação de graças, na igreja romana de Santo Inácio, no final do ano de 1998, proferiu uma homilia, da qual transcrevemos algum trechos:

Já estamos no limiar do ano de 1999, que nos introduzirá no Grande Jubileu: este é dedicado ao Pai celeste, segundo o ritmo trinitário, que caracteriza este triênio com o qual se encerra o século XX e o segundo milênio.

Deus Pai, mistério inefável, revelou-Se-nos mediante o seu filho Jesus Cristo, nascido, morto e ressuscitado por nós, e santifica-nos no poder do Espírito Santo.

Deus, além de nos mandar o seu Filho unigênito *na plenitude dos tempos também enviou aos nossos corações o Espírito que clama: Abbá! Pai* (Gl 4,6).

Nestas palavras, que o Espírito suscita nos corações dos fiéis, ressoa o eco da invocação de Jesus, assim como os discípulos a tinham recebido dos Seus próprios lábios. Fazendo-a nossa, tomamos consciência da realidade da nossa adoção como filhos em Cristo, Filho eterno e unigênito do Pai, que Se fez homem no seio de Maria.

Nesta tarde, enquanto saudamos o término de 1998, apresentamo-nos ao Pai para Lhe agradecer todo o bem que nos concedeu ao longo dos doze meses trans-

corridos. Vimos a Ele para pedir perdão pelos pecados nossos e dos outros, bem como para proclamar com confiante abandono: “Deus santo, Deus forte, Santo imortal, tende piedade de nós!”.

Como não agradecer a Deus os dons abundantes que nos dispensou durante o ano que chega ao fim? Nesta tarde quereria, juntamente convosco, dar-Lhe graças especialmente por quanto Ele realizou na nossa Comunidade

diocesana. No meu pensamento evoco as visitas às paróquias, preciosas e enriquecedoras ocasiões de frutuosa encontros pastorais.

Daqui a um ano, já estaremos no Ano – Santo e começarão a chegar numerosos peregrinos de todos os recantos da terra. Formulo votos de coração para que esteja a aco-

lhê-los uma Igreja viva e rica de fervor religioso; uma Igreja generosa e sensível às exigências dos irmãos, particularmente dos mais pobres e necessitados.

Olhando para o ano transcorrido, não posso deixar de recordar os problemas e as dificuldades que, também em Roma, assinalaram a existência de muitos dos nossos irmãos e irmãs. Penso nas famílias que têm dificuldade em corres-

ponder às despesas diárias; nos adolescentes em dificuldade e nos jovens sem perspectivas para o futuro, nos doentes, nos idosos e em quantos vivem na solidão, nas pessoas em estado de abandono, nos desabrigados e naqueles que se sentem rejeitados pela sociedade. Possa o ano novo trazer-lhes serenidade e esperança.

Queria convidar de novo, de modo especial os fiéis, a continuarem o esforço de reflexão e de planificação, a fim de que Roma, “tendo como base a sua missão espiritual e civil, e valorizando o seu patrimônio de humanidade, de cultura e de fé, possa promover o seu desenvolvimento civil e econômico, também em vista do bem da inteira Nação italiana” (*Carta de 8 de Dezembro de 1998*, n. 8). Formulo votos para que a nossa Metrópole se apresente ao encontro do Jubileu, profundamente renovada em todas as dimensões da vida social e espiritual.

Estes meus bons votos fazem-se oração para que o Senhor torne frutuoso o esforço de todos. A Ele confiamos todos as nossas aspirações e projetos. A Ele dirigem-se o nosso louvor e a nossa oração filial e confiante:

“A Vós, Pai da vida, princípio sem princípio, suma bondade e luz eterna, com o Filho e o Espírito Santo, honra e glória, louvor e gratidão, pelos séculos sem fim. Amém!” (*Oração para o terceiro ano de preparação para o Grande Jubileu*).

João Paulo II





Fraternidade e os desempregados Sem trabalho ... por quê?!

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) promove, há trinta e cinco anos, durante a Quaresma e Semana Santa, a Campanha da Fraternidade, cuja finalidade principal é aprofundar a evangelização entre os fiéis.

As considerações, a seguir, são extraídas do documento da CNBB sobre a Campanha da Fraternidade deste ano, com o tema "A Fraternidade e os desempregados" e o lema: "Sem trabalho... por quê?!"

Na Quaresma, meditamos a vida de Jesus Cristo, incompreendido e perseguido pelos poderes religioso e civil de seu povo até a morte de cruz. Esse gesto extremo de amor de Cristo pela salvação de todos os homens e mulheres nos leva a encontrá-Lo nas pessoas com fome, sem teto, doentes, na prisão e, neste ano, nos desempregados e desempregadas.

A Igreja, através da Campanha da Fraternidade, tenta levantar um debate nacional sobre esta nova e complexa situação na qual os excluídos, entre os quais desempregados e desempregadas, têm seus sofrimentos aumentados e conclama a sociedade para a busca de caminhos e soluções, pois, em primeiro lugar, deve es-

tar sempre a dignidade humana de cada cidadão, de cada cidade.

A Campanha da Fraternidade e o ano 2000

A campanha deste ano faz parte da preparação para o Jubileu do ano 2000. Em 1997, dedicado a Jesus Cristo, deu-se destaque aos direitos civis abordando o tema sobre os encarcerados: "Cristo liberta de todas as prisões". No ano passado, centrado na pessoa do Espírito Santo, deu-se ênfase aos direitos sociais; a educação foi estudada sob o lema: "Educação a serviço da vida e da esperança". Neste ano, dedi-

cado a Deus Pai, são apresentados à nossa análise os direitos econômicos, entre os quais os dos trabalhadores e dos desempregados. Finalmente, no ano 2000, a Campanha da Fraternidade

será ecumênica, com o tema: "A Fraternidade e a Paz" e o lema "Por uma sociedade sem exclusão".

Desemprego e trabalho

Na linguagem corrente, utilizamos as palavras emprego e



trabalho como sinônimas, praticamente sem distinção. No mais das vezes, quando falamos de trabalho, geralmente, o identificamos como emprego. Assim, ao se dizer que uma mulher tem um "um trabalho", associamos por exemplo, que ela ensina numa escola maternal e que não tem trabalho, quando cuida dos seus próprios filhos. Mesmo que tenha um diploma de professora, aos olhos da sociedade, o que ela faz em casa não será um trabalho. Por quê? Por que a primeira é paga e a segunda não?

No entanto, acontece que o trabalho, entendido como um emprego de tempo integral estável, desde a saída da escola até a aposentadoria, remunerado, comumente, sob a forma de um salário regular e no quadro de um sistema de produção de bens e serviços mercantis, está escasseando. Isso significa que o

Acreditar que é possível pensar e realizar uma economia solidária. É preciso vontade política para mudar o rumo da economia.

trabalho remunerado já não cabe mais como fonte principal da identidade, do objetivo e do sentido das pessoas e da produção na sociedade.

No decorrer da história e nas diferentes regiões do mundo, diversas formas de organização social favoreceram e favorecem ainda uma vida humana digna, sem recorrer ao trabalho assalariado, como, por exemplo, as sociedades tribais.

A atividade dos índios do Brasil, antes da chegada dos portugueses, era trabalho. Só não era remunerado nem assumido pela economia mercantilista que, naquela época, ensaiava os primeiros passos. As nações indígenas remanescentes testemunham uma outra maneira de se organizar socialmente, reparando o trabalho e os bens necessários à vida, sem a estruturação da remuneração social.

No Brasil-Colônia, a base da economia, portanto, de sua riqueza, era o trabalho escravo, não o trabalho assalariado. E nosso País foi o último do Ocidente a abolir o regime escravista, em 1888. Na época, o trabalho assalariado já despontava como o mais adequado

à sociedade industrial em formação. E, ao acolher os imigrantes europeus, sob pretexto de já possuírem alguma experiência dessa forma de relação de produção, o Brasil ignorou os ex-escravos ne-

gros, em sua grande maioria, marginalizando-os, deixando-os sem trabalho e sem acesso à escola, refugiados em quilombos, favelas, mocambos e palafitas.

Pouco a pouco, o capitalismo foi reduzindo o trabalho humano ao emprego, tornando quase impossível o exercício social do trabalho que não se enquadre em suas regras. Atualmente, este processo chega a um ponto cruel em que



grande número de pessoas fica excluído do emprego e, portanto, impossibilitado de exercer trabalho remunerado. Perdem um elemento fundamental para conseguir ganhos regulares, para a integração social e para o desenvolvimento da própria personalidade. Evidentemente, os

negros, em sua grande maioria, continuam sem vez e sem voz, em trabalhos mais pesados e em regime de quase semi-escavidão, particularmente nas fazendas.

Alguns teóricos atestam que estamos chegando ao "fim do trabalho", trata-se, na verdade, do fim de um tipo de ocupação que todo mundo se habituou a chamar de "traba-

lho". Está em crise o "trabalho" específico e próprio do capitalismo industrial. E este trabalho que o capitalismo abole massivamente, sendo uma construção social e criação do homem, pode, por isso mesmo, ser abolido. É importante assinalar que, no meio da crise gerada pelo fim deste tipo de trabalho, já há sinais de que a superação do regime assalariado pode vir a ser uma avanço na compreensão de ocupação do tempo, um avanço nas relações sociais e significar uma realização pessoal mais plena.

O desemprego no final deste século

O desemprego, hoje, é geral. Um bilhão de pessoas no mundo não têm emprego ou estão subempregadas, revela o relatório de 1997 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Na América Latina, uma pesquisa da Rede de Diários Econômicos da América Latina, em 1996, detectou que o desemprego é o problema que mais preocupa os latino-americanos. Depois do desemprego vêm os baixos salários, a inflação e a pobreza. Um relatório da OIT, divulgado em janeiro de 1997, mostra que, apesar da recuperação econômica da América Latina, o desemprego na região aumentou em 1996, sendo assim o mais alto da década.

No Brasil, considerando apenas os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego dobrou de 1994 a 1998.

(Continua no próximo número)

No Brasil, considerando apenas os dados do IBGE, a taxa de desemprego dobrou de 1994 a 1998. Depois do desemprego vêm os baixos salários, a inflação e a pobreza.

Carnaval

João Batista Libânio

A secularização não se revelou verdadeira no caso das experiências religiosas individuais que crescem em vez de diminuir. Equivocaram-se aqueles que pensaram o ser humano ocidental tornar-se cada vez mais secularizado. Assistimos, na década de 90, a um refluxo violento da religiosidade individual. No entanto, a secularização prossegue seu caminho, ao ir corroendo o sentido religioso de instituições sociais e culturais. O carnaval é uma delas.

Nasceu num contexto de Crisandade, quando a Igreja católica detinha enorme poder cultural. Ela impunha pesadas penitências a todos os membros da sociedade em determinadas circunstâncias, quer em certos tempos litúrgicos, quer em situações esporádicas, como uma peste ou catástrofe. Assim a entrada na quaresma significava mergulhar-se num tempo de recessão em relação às festas, aos prazeres da comida, da bebida e a outras regalias. Jejuns, sermões, modéstia no trajar, contenção nas manifestações festivas, mais tempo para os atos religiosos e outras práticas dessa natureza preenchiam fundamentalmente o tempo livre da quaresma.

O atleta, antes de entrar na ascese das competições, dá-se o luxo de entregar-se a uma folga-descanso. Da mesma maneira, no mundo cultural medieval, antes de meter-se pelo túnel escuro



de sacrifícios e renúncias, socialmente se promoviam uns dias de relaxamento geral. Era um grito alegre de despedida das refeições com carne: *Caro vale!* Adeus carne! Carnaval!

A secularização produziu, num primeiro momento, um distanciamento do carnaval em relação à sua origem religiosa. Transformou-o em mero folguedo, só materialmente próximo ao início da quaresma. Transformou-o em mero folguedo, só materialmente próximo ao início da quaresma. Inclusive porque a quaresma já não influencia em nada o ritmo da vida da população. É verdade que a Igreja do Brasil promove a Campanha da Fraternidade

e muitas paróquias, atos tipicamente quaresmais. No entanto, isso não consegue escandir a vida do povo. A quaresma refugiou-se no interior da vida da Igreja e persiste, em seu rigor genuíno, somente em alguns conventos contemplativos. Então, o carnaval, como momento de relaxamento

pré-quaresmal, perde seu sentido.

Mais: o carnaval nasceu também de folguedos e tradições populares. A imaginação do povo criava as formas pinturescas de folgazar. A secularização, sob o nome de mercado, interferiu

A secularização, num primeiro momento, distanciou o carnaval de sua origem religiosa. Transformou-o em mero folguedo, só materialmente próximo ao início da quaresma.

também nesse veio do carnaval. Pouco a pouco, vai transformando-o em imensa indústria de turismo, fazendo do povo mero figurante para atrair curiosos do mundo inteiro. Evidentemente isso acontece, de modo especial, nas grandes cidades.

Uma tomada de consciência dessas duas tendências secularizantes pode ajudar-nos, pelo menos, a reagir no sentido de manter as tradições populares do carnaval, não permitindo que ele seja totalmente engolido pela força avassalante do mercado, do puro turismo, dum lazer artificial e degradado.

Recordar a sua origem cultural religiosa pode dar-lhe uma tintura diferente em lugares onde a maré secularizante não atingiu alturas arrasadoras. E as pessoas poderão, então, encontrar a beleza de folguedos populares sem os riscos da violência, da droga, da bebida excessiva.

Perpassa em setores ilustrados da sociedade o desejo de recuperar o folclore em suas formas mais puras, descontaminado dos venenos consumistas e mercadológicos. Nesse sentido, recuperar o carnaval de rua sem a violência real e sem a inculcação simbólica da mídia constitui-se tarefa válida por parte de quem preza pela cultura nacional. Poder-se-á viver assim um carnaval diferente mais próximo de suas antigas fontes.



João B. Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Quarta-feira de cinzas de T.S. Eliot

Frei Betto

O poeta T. S. Eliot tornou-se cristão, em 1927. Três anos depois publicou *Ash-Wednesday (Quarta-feira de Cinzas)*, poema que mereceria figurar entre os salmos bíblicos.

— “Por que não mais espero retornar”, reza o primeiro verso. Retornar a quê? Imerso em transporte místico, o poeta não espera retornar ao que fez mesquinha a vida: “a este invejando-lhe o dom e àquele o seu projeto”. Nem mais espera conhecer “a vacilante glória da hora positiva”.

Assim como Tomás de Aquino, com o coração arrebatado pelo Espírito, considerou “palha” toda a sua obra, Eliot despe-se do pudor acadêmico, ele que estudou em Harvard e Oxford, e ora “a Deus que de nós se compadeça/ E rogo a Deus porque esquecer desejo/ Estas coisas que comigo por demais discuto/ Por demais explico”. Nele ressoa a poética de Santa Teresa de Ávila: “Ensinai-nos a estar postos em sossego”.

A segunda parte do poema simboliza Maria e a Santíssima Trindade. É a alma no “Jardim/ Onde todo amor termina/ Extinto o tormento/ Do amor insatisfeito”.

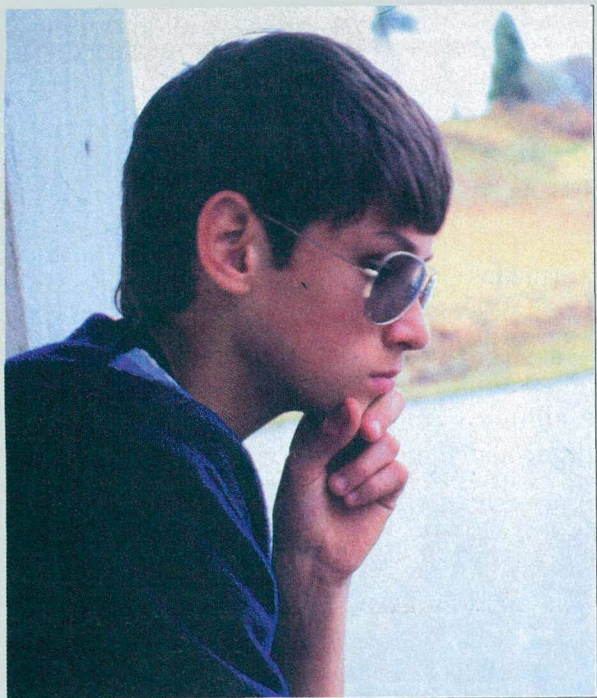
A terceira traz reflexos do *Purgatório* de Dante e do *Paraíso perdido* de Milton. Entre as imagens, destaca-se a escada, que remete ao *Castelo interior* teresiano, por onde trafega quem almeja, através da ascese, atingir a plenitude. “Na primeira volta” (...) combate-se “o demônio” (...)

“oculto/ Em dúvida face de esperança e desespero”. Na segunda volta, “nenhuma face mais na escada em trevas”. Eis a “noite escura” descrita por João da Cruz. Na terceira, a experiência mística:

“Doce é o cabelo em desalinho (...) frêmito, música de flauta (...) Para além da esperança e do desespero”. O poeta apropria-se da súplica do centurião do Evangelho: “Senhor, eu não sou digno/ mas dissei somente uma palavra”.

A quarta parte do poema é um

Como Tomás de Aquino, considerou “palha” toda a sua obra, Eliot despe-se do pudor acadêmico, ele que estudou em Harvard e Oxford, e ora “a Deus que de nós se compadeça...”



morte". O poeta reza para que Deus faça com que ele "já não deseje tais coisas desejar". Aspira à hegemonia do espírito sobre a razão e os sentidos.

Nesse "tempo de tensão entre nascimento e morte", ele suplica à "Irmã bendita, santa mãe, espírito da fonte e do jardim" a ensinar-nos "a estar postos em sossego/ Mesmo entre estas rochas". E clama no último verso: "Não permite que separado eu

hino a Maria, "a irmã silenciosa em véus brancos e azuis". Contemplá-la é "o indício da palavra inaudita, inexpressa (...) um coro de murmúrios/ E depois disto nosso exílio", evocação do verso "e depois deste desterro", da *Salve Rainha*. Diante de Deus, o místico silencia.

Na quinta parte, Eliot canta que "a palavra perdida se perdeu", "a usada se gastou", mas perdura no "Verbo sem palavra, o Verbo/ Nas entranhas do mundo". É o mistério da encarnação visto pela fé.

Transfigurado o olhar do místico, ele percebe que Deus é presença em todos e em tudo. Porém, é difícil encontrá-Lo "onde o silêncio foi-lhe escasso". Maria, entretanto, vem em nosso socorro. "Rezará a irmã velada por aqueles/ Que nas trevas caminham (...) Por aqueles que se querem imóveis e orar não podem".

A sexta e última parte do poema religa-se com a primeira. Vivemos "no crepúsculo encruzilhado de sonhos entre o nascimento e a

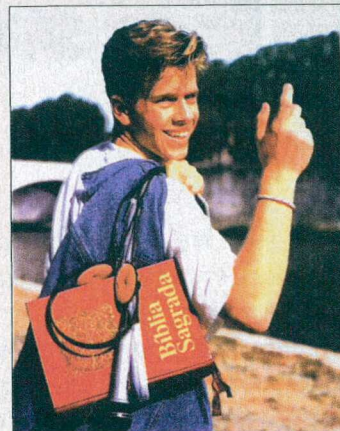
seja/ E que meu grito chegue a Ti".

Ha 110 anos nasceu Eliot, transvivenciado em 1965. Nesta quarta-feira de Cinzas, seu poema é uma abençoada luz sobre nossos próprios caminhos. É o momento de meditarmos sobre nossa topografia interior. Quantos abismos, desfiladeiros, cavernas e avalanches? Quantas lagoas, florestas, jardins e veredas? Há muito sol ou muita sombra?

Toda poesia de qualidade é polissêmica. É verso que faz emergir nosso reverso. É canto que encanta, desdobra em múltiplo o nosso ser e nos induz a encontrar aquela pessoa que realmente somos e, no entanto, em nós reside como um estranho que provoca temor e fascínio.



Frei Betto é escritor e autor de Cotidiano & Mistério (Olho D'Água), (Olho D'Água), entre outros livros.



Senhor, que queres que eu faça?

**Nós, PAULINOS,
acreditamos na
evangelização com os
meios de comunicação.**

**Jovem, se você deseja
conhecer melhor a vida
e a missão dos Paulinos,
escreva para:**

Centro vocacional paulino

Caixa postal 173

95001-970 Caxias do Sul, RS

Tel.: (054) 229-4555

Rua das Camélias, 640

Chácara Primavera

13087-650 Campinas - SP

Tel.: (0192) 55-6043

Caixa Postal 2534

01060-970 São Paulo - SP

Tel.: (011) 810-3742

Ensinar a odiar

Pe. Zezinho

Se você treinar seu cão para morder um determinado tipo de pessoa, ele provavelmente morderá um determinado tipo de pessoa. Pode-se ensinar a odiar. Muita gente faz isso. De tanto falar contra políticos, ou contra determinada igreja, de tanto generalizar, muita gente acaba odiando. De tanto ouvir falar contra policiais e militares, muitos acabam odiando qualquer homem de farda. No dia do desespero e do confronto vão tentar matá-los, e acabarão mortos.

Uma coisa é o que aconteceu em Diadema e no Rio de Janeiro, quando policiais que perderam o rumo batiam em transeuntes indefesos, cidadãos que não estavam em pé de guerra, aquilo foi abominável. Outra coisa foi o que aconteceu na periferia de São Paulo, quando aqueles policiais receberam ordem judicial para despejar os habitantes de um conjunto habitacional invadido. Em primei-

ro lugar, líderes levaram aquelas pessoas a invadir propriedade alheia, líderes levaram aquelas pessoas a resistir, desesperadamente acastelados numa propriedade que não era deles. Líderes ensinaram desrespeito à ordem do juiz, líderes ensinaram a enfrentar com pedradas o policial que vinha dialogar, líderes ensinaram a multidão

a atacar os soldados mais armados e mais fortes. Morreram três pessoas, e dez soldados e outros vinte civis foram feridos. Quem armou aquele clima sabia que alguém podia morrer, porque a atitude não era de resistência pacífica. Ghandi tinha outra visão da coisa. Ele enfrentava mas não provocava com pedras e palavrões.

Há uma diferença brutal entre os episódios. Em Diadema e naquela periferia do Rio, cidadãos pacíficos foram agredidos

por soldados provocadores e cheios de ódio. Na periferia de São Paulo, na ordem de despejo houve provocação aberta. Às vezes, o agressor é o soldado; às vezes, o soldado é a vítima e

quem agride é o civil. Superemos este maniqueísmo de crer que sempre que há confronto o mal é a polícia. O povo também agride, dependendo de quem são seus líderes. Alguns gostam de sangue e de mártires. Os fatos estão mostrando que há um tipo de líder que ensina o povo a odiar, há religiões que ensinam os fiéis a

odiar a outra, há políticos ensinando seus seguidores a odiar governo, a invadir ministérios e colocar perus na cadeira do ministro, numa atitude típica de moleques, a apitar como moleques



Pode-se ensinar a odiar. Muita gente faz isso. De tanto falar contra políticos, ou contra determinada igreja, de tanto generalizar, muita gente acaba odiando.

ao invés de parlamentar.

O resultado pode ser uma guerra civil. Outra vez os que ensinam a odiar e agredir vão perder, mas eles provavelmente se safarão, fugindo para o exterior. Quem vai morrer é o povo, os inocentes, os que não sabem organizar guerrilhas urbanas, nem sabotagens. Quando seu cão me morde, a culpa é de quem o treinou, e não do cão. Quando o povo ataca policiais, quando fiéis atacam outras igrejas, a culpa é de quem ensinou a odiar. Deus nos livre destes líderes.



Pe. Zezinho, J. Fernandes, é sacerdote da Congregação "Sagrado Coração de Jesus", escritor, compositor, cantor e conferencista.

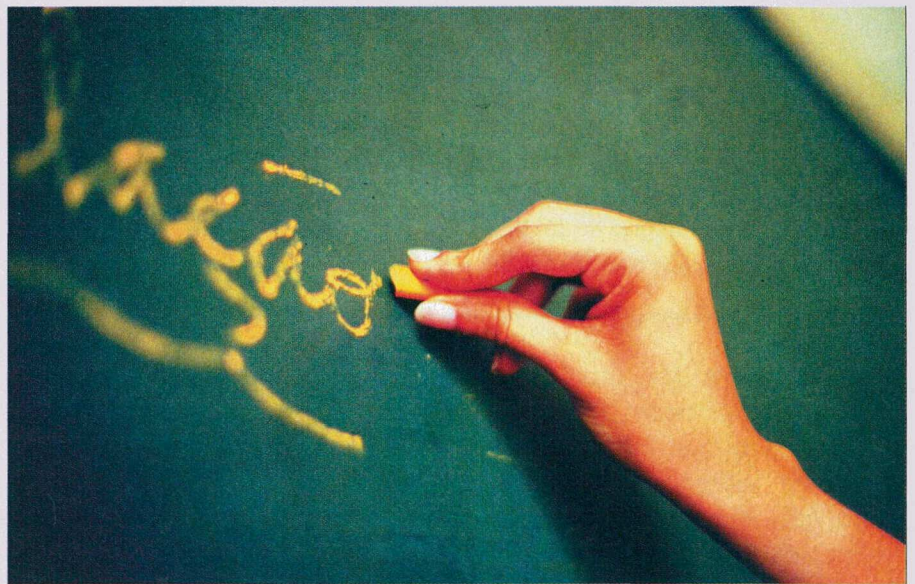


Por uma educação humanizadora: os direitos dos alfabetizandos

Francisco Gomes de Matos

O direito à educação

Apesar do grande avanço ético-moral ensejado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (proclamada em 10 de dezembro de 1948), os direitos ali proclamados ainda estão por ser assegurados com eficácia humanizadora. Se, por um lado, o Direito à Educação vem sendo valorizado em tantas Constituições nacionais e, na literatura educacional, está sendo enfatizada a necessidade de o Estado “garantir a aprendizagem de todos os educandos” (Cf. Rosita Edler Carvalho, *A nova LDB e a Educação Especial*; Rio de Janeiro, W V A Editora, 1997, p.78), por outro lado, a aplicação plena e abrangente daquela categoria de direitos humanos ainda deixa muito a desejar. Uma dessas lacunas diz respeito aos direitos educacionais-lingüísticos de alfabetizandos, problemática sobre a qual vimos chamando a atenção de educadores, desde nossa proposta para uma Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos



Ao nos referirmos a “direitos,” não podemos deixar de considerar os “deveres” correspondentes, pois toda pessoa possui direitos e deveres

Individuais (FIPLV-Unesco, 1984), inspiradora da DUDL (também conhecida como *Declaracion de Barcelona* e proclamada em 1996). Ao nos referirmos a “direitos,” não podemos deixar de considerar os “deveres” correspondentes, pois toda pessoa possui direitos e deveres. Neste texto, explicitaremos apenas os direitos, conclamando os leitores engajados em ações educacionais para que complementem a lista, formu-

lando as responsabilidades educacionais-lingüísticas dos alfabetizandos, com a participação destes, pois o compartilhar do processo decisório educacional constitui, por si, um dos direitos dos educandos.

Direitos educacionais-lingüísticos de alfabetizandos: uma lista para reflexão e ação

A enumeração seguinte reflete a natureza complexa, multifacetada do processo que, tradicionalmente, vem sendo identificada como “alfa-

Tem a pessoa — alfabetizanda — o direito de.....

1. ser respeitada cognitivamente, linguística e sócio-culturalmente?
2. saber como, por que e para que está sendo alfabetizada?
3. aprender a identificar e explorar os variados usos do ler e do escrever?
4. ser alfabetizada pela própria comunidade em que reside?
5. aprender com/de outros alfabetizandos e não apenas de/com alfabetizadores?
6. relacionar sua educação linguística à sua vida em casa, no trabalho e em outros contextos comunitários?
7. ter suas estratégias de aprendizagem de lecto-escrita identificadas, reconhecidas e ativadas?
8. ler textos autênticos, variados e questionar sua possível faliabilidade?
9. ser avaliada humanizadamente, quanto aos saber e saber-fazer construídos na aprendizagem, e não apenas para satisfazer as exigências escolares de aprovação?
10. ajudar a (re)construir sua própria realidade sócio-cultural, política, econômica e linguística visando acima de tudo, a promoção de uma convivência pacífica ou, como preferimos dizer em nossa Pedagogia da Positividade, a paz comunicativa?

betização” mas que, atualmente, numa percepção mais abrangente e interdisciplinar, pode ser chamado de “literacias” (conceito plural que se concretiza através de inúmeras competências, desde a literacia lecto-escritural numérica até a literacia profissional).

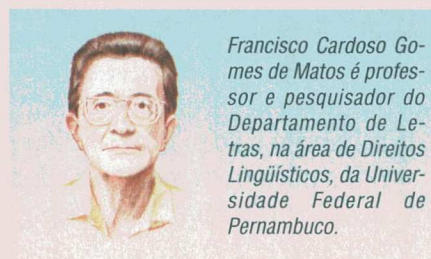
As perguntas-chaves iniciais para a lista de direitos do(a) alfabetizando(a) são estas:

Os alfabetizandos têm o direito de (...)? (Ver quadro acima). Esse direito está assegurado por quem? como? onde? quando? Até que ponto?

O período de 1995 - 2004 é chamado, pelas Nações Unidas, de Década Internacional da Educação para os Direitos Humanos. Que, neste trabalho permanente, sustentável, todos os co-responsáveis dediquem uma parcela de seu esforço, em favor dos que estão iniciando ou irão iniciar sua educação linguística. Que

aos alfabetizandos sejam assegurados, também, seu direito de expressão religiosa ou, mais especificamente, o direito de ter acesso à sua literatura espiritual em linguagem acessível, adequada às suas características individuais.

Que esta lista seja motivadora de um aprofundamento da questão dos direitos dos alfabetizandos e contribua para a conscientização dos leitores desta Revista, que dela fazem uso no processo comunitário de educar o “próximo linguístico” para o exercício de direitos e cumprimentos de responsabilidades.



Francisco Cardoso Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, na área de Direitos Linguísticos, da Universidade Federal de Pernambuco.

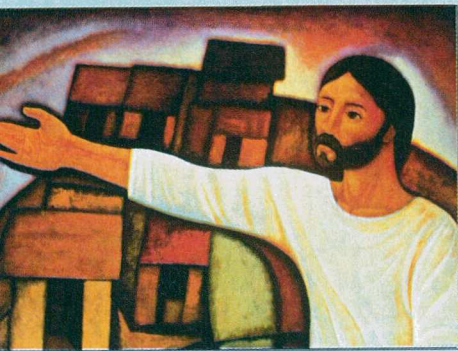
NOVO MILÊNIO: 2000 ANOS DE CRISTIANISMO



**MISSIONÁRIOS CLARETIANOS:
150 ANOS PRESENTES E ATUANTES NA HISTÓRIA DO NOSSO TEMPO.**



JOVEM,
Venha fazer
parte desse
ideal.



Se você é dos Estados do Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul escreva para:

Pe. José Gilson Feitosa da Silva, cmf

Centro Claretiano de Formação Missionária
"Padre Clotet"

Rua Vicente Machado, 157 - Jd. Primavera
Cx. Postal, 412 - 85501-970 - Pato Branco, PR

Tel. (046) 224 2129

e-mail: clotet@witeduck.com.br

Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal, escreva para:

Pe. Márcio Silva Souza

Secretariado Vocacional Claretiano

Rua da Bahia, 1596 - Cx. Postal, 1438

30160-011 - Belo Horizonte, MG

Tel. (031) 222 3154

e-mail: curiabc@digitus.com.br

Estados de São Paulo, Mato Grosso, Nordeste ou outras regiões, escreva para:

Pe. Janivaldo Alves dos Santos, cmf

Secretariado Vocacional Claretiano

Rua Martim Francisco, 656

Santa Cecília - 01226-000 - São Paulo, SP

Cx. Postal 1205 - 01059-970 - São Paulo, SP

Tel. (011) 978-3893

e-mail: janivald@netpoint.com.br

Nossa Senhora de Bonate

Roque Vicente Beraldi

Em 1944, na cidade de Bonate, diocese de Bérgamo, Itália, no dia 13 de maio, várias crianças colhiam flores para depositarem aos pés da Virgem Maria. Num dado momento, as meninas que acompanhavam a colega, de nome Adelaide Roncali, dez anos, viram que ela estava imóvel, olhando para o alto, como que alheia a tudo. Não respondendo aos chamados, as amigas foram correndo dizer à mãe de Adelaide que "ela tinha morrido em pé".

Acreditou-se, porém, que Nossa Senhora aparecera, a Adelaide. Estava vestida de branco. Espargia muita luz e que Maria a tranqüilizou dizendo: "Não tema, eu sou Maria. Seja boazinha e eu voltarei até você". O êxtase se repetiu mais 13 vezes, em duas etapas: de 13 a 21 e de 28 a 31 de maio. Assim como em Lourdes, Fátima, Salette e outros lugares, Nossa Senhora aconselhou a oração, sobretudo a reza do terço meditado nos mistérios da vida de Jesus. Insistia na penitência. Que acabassem com a impureza e blasfêmia.

Como sempre, a notícia logo correu. Muita gente queria se beneficiar das aparições, implorando curas. Conta-se que mais de um milhão de peregrinos se concentrou no local. Umhas duzentas pessoas proclamaram-se curadas.

O Bispo de Bérgamo constituiu uma comissão de médicos para estudar o caso. Dentre os 70



milagres indicados, apenas um cego, vítima de combate na guerra, ficou curado repentinamente.

O povo, empolgado por mais essa manifestação, proclamou Maria com mais um título: Nossa Senhora de Bonate.

Oração a Nossa Senhora de Bonate

*Senhor nosso Deus,
concedei-nos sempre saúde de
alma e corpo, e fazei que,
pela intercessão de Nossa
Senhora de Bonate, sejamos
libertos de todo pecado e,
livres das tristezas presentes,
gozemos as alegrias eternas.
Por Cristo Senhor nosso,
amém.*



Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano. Diretor do Seminário Claretiano de Curitiba, PR.

João Brito

Neste dia, a Igreja celebra a memória de um dos seus grandes missionários. Com a expansão marítima, iniciada no século XIV, os portugueses chegaram à África, América e Ásia (Índia, China, Japão, etc.) levando consigo o catolicismo, religião oficial da nação. Em função do 'Direito de Padroado' (acordo entre os papas e os reis de Portugal e Espanha que conferia a estes o direito de cuidar dos assuntos eclesiásticos em seus territórios) o soberano de Portugal tinha o compromisso de evangelizar as terras por eles colonizadas e, aí, organizar a vida e estrutura eclesiais, começando do zero: criar

dioceses e paróquias, fundar casas religiosas, buscar novos métodos para a evangelização do índio, do negro, do hindu, do chinês, etc. Devido às grandes distâncias, o número de missionários era pouco e a estrutura estatal dificultava o estabelecimento da Igreja. A organização eclesial foi mais lenta do que se pensava por causa, também, da resistências dos nativos.

Na evangelização da Índia, destacou-se São João Brito, que nasceu, em Lisboa em 1647 e era de família católica portuguesa. Seu pai, Salvador de Brito Pereira, foi governador do Rio de Janeiro. Criança ainda, foi destinado para a corte portuguesa e, em função de



Eulália (mártir)

O fim do século III e o início do século IV foram períodos muito difíceis para os cristãos. Apesar do tradicional princípio da 'tolerância religiosa' adotado pelo Império Romano, o Cristianismo era considerado '*religião ilícita*' e vinha sendo perseguido desde o século I. Muitos cristãos deram a vida em nome da fé, sendo por isso chamados de mártires, isto é, '*testemunhas*' da fé. Além destes, temos ainda os confessores, testemunhos de fé diante dos exílios e desterros, confisco de bens, calúnias e vexações. É claro que tivemos cristãos que apostataram ou se tornaram '*lapsos*', ou seja, diante da morte, não foram fiéis e abandonaram momentânea ou perpetuamente a fé cristã. Apesar disto tudo, o testemunho da grande

maioria dos cristãos chama a atenção e provoca o aumento do número de seguidores de Jesus Cristo.

O Imperador Diocleciano (284-305) planeja unificar o Império Romano, que demonstra indícios de decadência. Adota o princípio de que a unificação política tem que começar com a unificação religiosa, ou seja, todos os súditos do Império devem adorar os mesmos deuses. Essa atitude atingirá diretamente os cristãos que não aceitam adorar outros deuses. Com vários decretos, durante os anos de 303 a 305, aumenta a perseguição. Muitas foram as vítimas dessa, que foi a última perseguição sistemática contra os cristãos. Entre esses se destaca Santa Eulália.

Existe uma Santa Eulália, venerada em Barcelona e outra,

venerada em Mérida. Há, porém, um grande consenso no sentido de que temos uma única santa: ela foi martirizada em Barcelona e teve seu corpo depositado e venerado em Mérida. O que se sabe sobre a vida de Santa Eulália nos foi passado por Prudêncio, considerado o maior poeta da antiguidade cristã do Ocidente, nascido na Espanha. Ela nasceu numa família cristã, viveu com simplicidade, queria se consagrar a Cristo e desejava ardentemente ser coroada com o martírio, que na Igreja primitiva era visto como o ideal maior para se conseguir a santidade. E na perseguição de Diocleciano, o sonho tornou-se realidade. Quando a perseguição chegou à Espanha, os pais de Eulália fizeram com que ela ficasse escondida numa casa longe



— 1647-1693 — 23 de fevereiro

sua saúde frágil, teve que retornar para a casa dos pais. Com 15 anos, já com a saúde recuperada, entra na Companhia de Jesus (Jesuítas), com o objetivo de consagrar sua vida a Deus e dedicar-se ao serviço missionário. Aos 26 anos, parte para as missões da Índia, evangelizando a região de Malabar. Levou um estilo de vida de extrema austeridade: vestia-se pobremente, não comia carnes, não tinha cama e carregava consigo só o necessário. Em tudo, procurou adaptar-se aos costumes locais (alimentos, vestes, costumes, gestos do dia-a-dia, etc.). Simplicidade e inculturação aos hábitos do povo fizeram com que conseguisse inúmeros

frutos e muitas conversões. Isso provocou a revolta dos brâmanes, líderes religiosos locais. A partir daí, seu trabalho ficou cada vez mais difícil e passa a ser perseguido. Não obstante isso, empolgado com o sucesso, vai a Portugal para conseguir mais missionários e é convidado pelo rei Pedro II para trabalhar na corte portuguesa como seu conselheiro. João não aceita e volta para a Índia, onde continuará sendo perseguido e será martirizado, em 1693.

Atualmente, a Igreja e o mundo precisam de santos missionários que sejam capazes de evangelizar com coragem, audácia, criatividade e amor ao povo de Deus e àqueles

que ainda não ouviram a mensagem cristã. Precisa de homens e mulheres que, como São João Brito, sejam modelo de:

- entrega e consagração radical ao Reino de Deus;
- disponibilidade missionária e coragem de trabalhar nas regiões mais distantes e difíceis;
- opção de vida pobre, simples e austera como modo de testemunhar os valores do Reino e a entrega total a Deus;
- capacidade de adaptação, respeito e diálogo com as culturas evangelizadas;
- dinamismo missionário criativo e articulação de lideranças;



— 12 de fevereiro



da cidade. Ela foge, porém, e vai a Barcelona onde se apresentará diante do governador local, encarregado de perseguir os cristãos,

criticando os perseguidores e os idólatras. Admirado, o governador tenta convencê-la a venerar os deuses do Império Romano, mas ela permanece firme, atira para longe o turíbulo com o qual se deviam incensar as imagens das divindades pagãs e “com altivez, fez sua profissão de fé: ‘Eu sou Eulália, serva do meu Senhor Jesus Cristo, o Rei dos Reis e Senhor de todos os dominadores. Nele coloquei toda minha confiança. Dele espero conseguir a vida eterna que prometeu aos seus justos. Rejeito, portanto, todas as vossas divindades falsas, invenções dos demônios, que levam à perdição e ao inferno todos os que os adoram’ ” (cf. Contis., *O Santo do dia*”, Vozes, Petrópolis 1984, p. 75). Enfurecido, o governador mandou torturá-la e, com 15

anos, foi queimada, no ano de 304.

Atualmente, vivemos num mundo em que as pessoas relativizam os valores, a fé, os comportamentos. É necessário que, especialmente os jovens de hoje, sejam formados com fundamentos mais consistentes nas vidas social, cultural e religiosa. Eles precisam de verdadeiros referenciais, que, como Santa Eulália, sejam modelo de:

- vida digna e voltada para o Deus da vida e do amor;
- dedicação incondicional e vontade de entregar sua vida a Deus;
- jovem que procura boas amizades e não se deixa levar por falsos ideais e ilusões mundanas.



Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.

A Igreja na Idade Média

(VI Parte)

Ronaldo Mazula

Neste número, falaremos sobre aquela que é a entidade mais criticada e mais incompreendida em toda a História do Cristianismo, a *Inquisição*, ou seja, o tribunal criado pela própria Igreja para combater os hereges e aqueles que não se adequavam ao sistema da Cristandade medieval.

A Inquisição

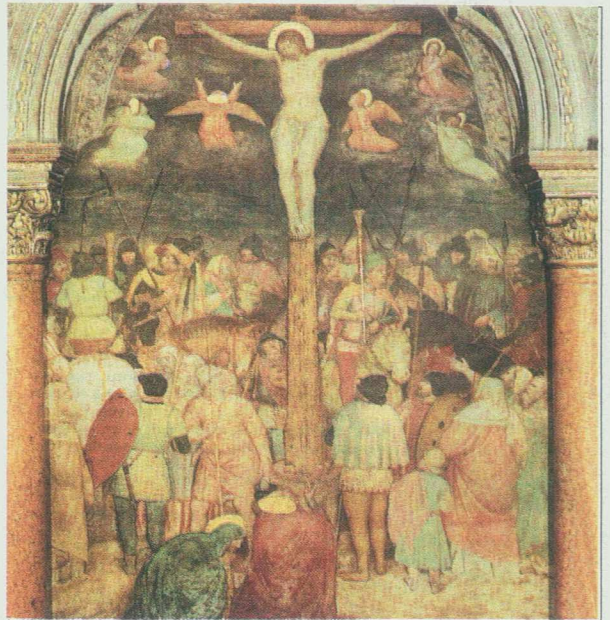
Iniciamos este artigo com uma citação do Pe. Giacomo Martina, historiador jesuíta, que fez um juízo da Inquisição com estas palavras, traduzidas do original italiano: “a Inquisição representa um dos pontos nevrálgicos da cristandade medieval, e, em geral, da História da Igreja. É necessário, porém, compreender o espírito que permitiu o seu nascimento e desenvolvimento: a intolerância era comum em toda a Idade Média e a tolerância se afirmou fatidicamente só na idade moderna mais recente. A Igreja, pois, fez uso dos meios que o procedi-

ção medieval e não o faremos. A aceitação de algumas denúncias, também anônimas e a conservação do segredo acerca de textos pesados, a exclusão quase geral de um defensor, a excessiva extensão do conceito de heresia, a aplicação da tortura, apesar dos limites e cautelas previstos pelo Direito, a pena de morte, são atos tão distantes do genuíno

espírito evangélico: não resta senão reconhecer que, ao menos neste, a idade moderna, mesmo com erros e desvios, compreendeu melhor as exigências da mensagem cristã” (cf. Martina, G., *Storia della Chiesa*, Centro “Ut Unum Sint”, Roma 1980, p. 130).

Penso que a Inquisição, apesar de seus erros, deve ser compreendida no contexto histórico em que ela nasceu e se desenvolveu. É isto que pretendemos fazer neste número.

Como sabemos, a Inquisição nasceu e se desenvolveu no contexto do mundo medieval



(séculos XII-XIV), teve seu período mais forte na Idade Moderna (séculos XIV-XVIII) e vai se enfraquecendo até desaparecer nos séculos XIX e XX.

Na Idade Antiga, até o início do século IV, os cristãos resolviam, internamente, os seus problemas, quando surgiam dúvidas doutrinárias ou sobre a fé ou procedimento moral e comunitário de um membro da comunidade. Quando o Cristianismo, no Edito de Milão (313), ganha a liberdade de culto e, a partir do Imperador Teodósio, torna-se religião oficial do Império Romano, as coisas mudam. Os imperadores e reis acreditavam que a unidade imperial só seria conseguida com a unidade religiosa; por isso, combatem e perseguem todos aqueles que po-

A inquisição representa um dos pontos nevrálgicos da Igreja. É necessário compreender o espírito que permitiu o seu nascimento e desenvolvimento.



dem ferir a união imperial. Nesse contexto, mexer ou mudar a ordem religiosa era o mesmo que fazê-lo com a ordem universal querida e desejada por Deus. Assim, todos os hereges eram considerados como aqueles que minavam e comprometiam a ordem religiosa e, conseqüentemente, a ordem social; isto fazia com que eles fossem rejeitados e, no espírito da intolerância medieval, deviam ser banidos do convívio social e religioso, ou seja, condenados e mortos.

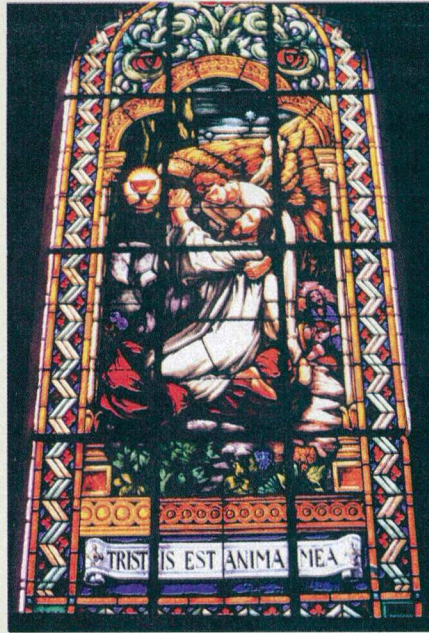
Na Idade Antiga, muitos papas, bispos e teólogos cristãos condenarão as atitudes violentas do Estado e de setores da Igreja, que já aceitavam a prática da violência para condenar os hereges. Na Idade Média, porém, ninguém levantará a voz contra as atitudes intolerantes e anti-evangélicas dos procedimentos inquisitórios eclesiásticos e reais.

Tentando esclarecer mais ainda essa questão, em que se fundamentava essa intolerância medieval? O Pe. Giacomo Martina, na obra acima citada, p.128, menciona os seguintes aspectos:

- “pensava-se que o batizado (no Cristianismo) não pudesse perder a fé a não ser por própria culpa. Então, a heresia aparecia

como um erro contra a verdade, mas também como um crime contra a sociedade, uma tentativa de mudar a ordem civil, fundada sobre a religião...

- outra circunstância decisiva foi o renovado influxo do direito romano que, ao contrário da tradição



patrística, mostrava-se muito severo com os donatistas e os maniqueus, comparando a sua culpa a uma alta traição digna de morte. Inocêncio III já se inclina para esta tese, observando que quem renega a Cristo comete uma culpa mais grave que o delito de lesa-majestade, punido com a morte;

- é preciso não esquecer que diante dos casos de linchamento dos hereges que se verificavam na França e na Alemanha, era necessário conter e controlar o arbítrio das massas e regular juridicamente o procedimento contra os hereges”.

Temos de acrescentar que a prática do linchamento arbitrário era muito comum nesse período e que, num sistema de classes, os menos favorecidos não tinham direito de apelação e eram facilmente dominados pelos mais fortes.

Além disso, a Inquisição surge

num período em que a tendência dualista era muito forte. O que é esse dualismo? É a crença de que existem no mundo duas grandes forças irreconciliáveis, totalmente opostas uma à outra. O bem e o mal, forças expressas com vários antônimos (Deus e diabo, dia e noite, luz e trevas, espírito e matéria, alma e corpo, espiritual e temporal, santo e pecador etc.). Nesse contexto, o mais importante era salvar a alma para que ela descansasse junto a Deus. Assim, o corpo era considerado como uma prisão para a alma, sendo que deveria se libertar dele e das coisas do mundo, quando estas o afastavam do divino e do eclesial. Ora, se para libertar a alma de um herege ou pecador era necessário torturá-lo ou matá-lo, para o bem dessa mesma alma, isso deveria ser feito.

Após esses esclarecimentos, vejamos como foram o nascimento e o fortalecimento da Inquisição. Ela surge no período em que estão aflorando, na Europa, as heresias medievais, tema visto no número passado. Inicialmente, a Igreja quer mantê-la sob seu controle. Infelizmente, porém, com o passar do tempo, ela cairá nas mãos dos reis e imperadores que a utilizarão para combater seus inimigos políticos e eliminá-los; muitas vezes, as lideranças políticas agiram contrariamente aos desejos da Igreja que, cada vez mais fraca, não podia fazer frente a esses abusos.

(Continua no próximo número.)

Os hereges eram considerados como aqueles que minavam e comprometiam a ordem religiosa e, conseqüentemente, a ordem social.



Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.
Correio eletrônico:
rmazula@mps.com.br

As 17 "grandezas" de Maria

Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-Poderoso fez grandes coisas em meu favor (Lc 1,48-49).

(Continuação do número anterior)

Geraldo Araújo Lima

9. Isabel proclama Maria *a bendita entre as mulheres* (Lc 1,42). Antes dela, duas outras mulheres já haviam recebido tal elogio: Jael, por ter esmagado a cabeça do general Sísara (cf. Jz 5,24-27), e Judite, por haver decapitado o general Holofernes (cf. Jt 13,18-23), ambos figadais inimigos de Israel. Maria, por sua vez, recebe-o por haver esmagado a cabeça da antiga serpente, ou satanás (cf. Gn 3,15).

10. Isabel é a primeira a proclamar Maria como a *Mãe de Deus*, ao denominá-la mãe do meu Senhor (Lc 1,43). "Senhor" é o título divino de Jesus ressuscitado: *meu Senhor e meu Deus* (Jo 20,28)!

11. Lucas, veladamente, designa Maria como a *Arca da nova Aliança*: logo após ser envolvida pela "shekinah" (a sombra do Altíssimo),

Maria recebe em seu seio a Palavra de Deus, não mais esculpida em tábuas de pedra, porém "feita car-

ne" (*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*) Jo 1,4. Por isso, Isabel a recebeu em sua casa com a mesma admiração de Davi, ao receber a Arca da velha Aliança: *Como virá a Arca de Iahweh para ficar na minha casa* (2Sm 6, 9; Lc 1,43)? De igual modo, Maria permanecerá na casa de Isabel o mesmo tempo que a Arca permaneceu na casa de Obed-Edom: três meses (cf. Lc 1,56; 2Sm 6,11).

12. Maria participa ativamente no nascimento do Precursor do Messias, João Batista: *Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo* (Lc 1,41).

13. Maria é intimamente associada à obra redentora de Jesus. Ela é a *Mulher* dos quatro pontos cardeais da salvação:

- a *Mulher* que abre o livro da



Isabel é a primeira a proclamar Maria como a Mãe de Deus, ao denominá-la mãe do meu Senhor (Lc 1,43).

Bíblia, em Gênesis 3,15;

- a *Mulher* que o encerra, em Apocalipse 12,1;

- a *Mulher* que inaugura a vida pública de Jesus em Caná (cf. Jo 2,1-4);

- e a *Mulher* que a finda no Calvário (cf. Jo 19,25-27).

14. Maria é a *Mãe de todos os crentes*, como Abraão é o pai (cf.



Faça-se em mim segundo a Tua palavra (Lc 1,38), Maria fez um ato de fé definitivo e completo; daquela fé que é mais causa do que efeito. Eis por que Isabel concluiu: Feliz aquela que acreditou, por isso o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido (Lc 1,45).

Ao responder ao anjo: Faça-se em mim segundo a Tua palavra (Lc 1,38), Maria fez um ato de fé definitivo e completo; daquela fé que é mais causa do que efeito.

15. A liturgia também chama Maria de “mãe da esperança” (*mater spei*). Como virtude teológica, a esperança tem por característica provocar e apressar a hora de Deus: *Qual não deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, enquanto esperais e apressais a vinda do dia de Deus (2Pd 3,11-12)?* Em Caná, Maria provoca essa “hora”. Mesmo que Jesus responda: *Minha hora ainda não chegou (Jo 2, 4)*, ela sabe como apressá-la: *Fazei tudo o que Ele vos disser (Jo 2,5)*! Foi assim com o seu *faça-se*, em Nazaré; será também assim com o seu *faça-se*, no Calvário. Ela bem o sabe; e “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” (Vandré).

16. Com o dogma da *Assunção*, a Igreja professa que Maria foi elevada ao céu em corpo e alma, logo após a sua morte. No seu discurso, no dia de Pentecostes, Pedro justifica a ressurreição de Jesus, recorrendo ao Salmo 16: *Mas Deus O ressuscitou, libertando-O das angústias da morte, pois não era possível que Ele fosse retido em seu poder. De fato, é a respeito dEle que diz Davi: ... Minha carne repousará na esperança, porque não abandonarás minha alma na região dos mortos nem permitirás que Teu*

Santo veja a corrupção’ (At 2,24-28; Sl 16,8-11).

Com muita propriedade, a Mariologia aplica o mesmo texto a Maria: “Não permitirás que tua santa veja a corrupção”!

17. Maria é a Mãe da Igreja. O último gesto de Jesus na cruz foi entregar Sua mãe a João: *Mulher, eis o teu filho!* E entregou João a Maria: *Eis a tua mãe (Jo 19,26-27)*! Naquele sublime instante e naquele lugar sagrado, João representava toda a humanidade; de modo especial, toda a Igreja. Paulo ensina que *Cristo é a cabeça da Igreja, que é Seu Corpo (Cl 1, 18)*. Ora, sendo mãe da Cabeça, que é Cristo, forçosamente Maria também é a mãe do corpo, que é a Igreja.

Como o leitor pôde observar, esta rápida pesquisa bíblica apontou 17 “grandes coisas que o Todo-Poderoso realizou em Maria”. Será que o número 17 está aí por acaso? Santo Agostinho acredita que não. Por trás de uma aparente casualidade, ele vislumbra uma rica simbologia: 17 é

a soma de 10 + 7. Dez são os mandamentos da Lei de Deus que todos devemos observar, *se quisermos entrar para a Vida (Mt 19,17)*; sete são os dons do Espírito Santo, que nos ajudam a observar fielmente o Decálogo.

Por conseguinte, 17 é o número da perfeita vivência cristã, assentada na observância dos mandamentos e na vivência dos dons do Espírito Santo. E é aqui que Maria se nos apresenta como modelo perfeito de cristã. Ela é o “*espelho de justiça*”, onde todos devemos nos mirar. Seguindo-a de perto, chegaremos a ser os discípulos amados de Jesus, pois o Evangelho ensina que *o discípulo que Jesus amava estava perto dela (Jo 19,26)*. E não poderia estar em outro lugar!...



Geraldo de A. Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica. Prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jabotatão do Guararapes, PE.

A geração da vida

Wimer Bottura Jr.

O penoso mito da geração da vida provoca, na vida dos casais jovens, injustiças freqüentes e lágrimas contidas.

Quantas mulheres não passam por tormentos pelo simples fato de a sociedade considerá-las, a princípio, responsáveis pela falta de filhos num casamento?

Quantas mulheres, quando ainda não havia exames de fertilidade, tiveram seus casamentos prejudicados por não terem conseguido engravidar?

E, ainda hoje, quando um casal não consegue ter filhos, quem vai primeiro ao médico?

A mulher.

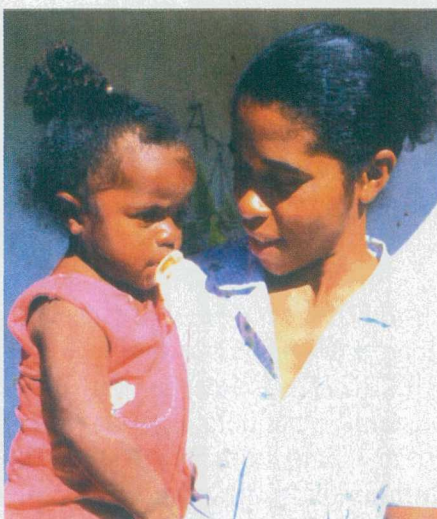
Infelizmente, é sempre ela quem primeiro se submete às suspeitas e aos exames.

O que há por trás de tudo isto é a obrigação da mulher em provar que é saudável, que pode gerar um filho, que será boa mãe. Enfim, que corresponde satisfatoriamente ao que a sociedade lhe impõe e exige.

O filho, em muitos casamentos, é uma espécie de salvo-conduto para a mulher. Ela tem de prestar contas de sua capacidade à sociedade, ao homem e à família do marido.

Existe uma pressão familiar e social muito forte sobre a mulher com relação à maternidade. Só que nem sempre a infertilidade é da mulher.

O homem também pode ser estéril. Por preconceito, devido ao mito da superioridade masculina e à crença de que cabe à mulher ge-



rar o filho, o homem acaba se eximindo da responsabilidade pela infertilidade do casal. O marido só vai ao médico fazer exames depois de confirmado que o problema não é da mulher. Ela é culpada até prova em contrário!

Onde está o amor? Como uma mulher pode amar um homem que, de antemão, impõe-lhe culpa e humilhação? Se esta mulher não está amando sequer a si mesma, pois se sujeita a estas humilhações, como pode amar o companheiro, aquele que lhe disseram, desde pequena, que a faria feliz?

Na verdade, esta mulher é uma heroína, porque carregou todo o peso da culpa nas costas. A mulher ainda está pagando dívidas de contas que não assu-

miu na relação com o homem.

Depois de todo o percurso da falta de amor, muitos casais ainda tentam um filho.

Há casos em que a questão da infertilidade pode ser revelada. A mulher, o marido ou o casal trata-se e, finalmente, ela consegue engravidar. Em outros casos, quando não é possível o tratamento, a saída é a inseminação artificial.

Mas há aqueles casos em que a mulher tem de esconder a realidade: ela está tão submissa, tão deteriorada, com uma auto-imagem e uma auto-estima tão baixas, que esconde de todo o mundo a verdade para salvar a imagem do marido.

Ou seja, muitos casais estéreis podem ter filhos, mas o amor poderia ter acabado há muito tempo.

É interessante também percebermos o quanto a classe médica e a própria família

são coniventes com esta discriminação em relação à mulher.

Embora a ciência mostre que tanto o homem quanto a mulher possam ter dificuldades para gerar filhos, criando até o conceito de "casal infértil", age, na prática, como se quisesse consolar a mulher.

Os próprios médicos pedem os
(*Continua na página 25.*)

Existe uma pressão familiar e social muito forte sobre a mulher com relação à maternidade. Só que nem sempre a infertilidade é da mulher.



RECEITA COM MAIS CALORIAS

Entrada

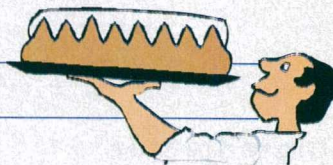
Ingredientes

- 2 colheres/sopa de margarina
- 1 cebola média ralada
- 2 colheres/sopa de farinha de trigo
- Sal a gosto
- 1 pitada de noz-moscada
- 1 xícara/chá de leite quente
- 1 lata grande de palmito.

Recheio de palmito

Modo de preparar

1. Derreta a margarina em uma panela, acrescente a cebola ralada e doure-a. Junte a farinha de trigo e deixe tostar.
2. Despeje o leite quente e mexa até engrossar. Tempere com sal e a noz-moscada. Mexa bem, retire do fogo, junte o palmito picado e um pouco de salsa. Mexa bem e utilize para rechear o rocambole.



Prato principal

Ingredientes

- 6 batatas médias cozidas
- 3 ovos, sendo as claras em ponto de neve
- 1 colher/sopa de margarina
- 3 colheres/sopa de farinha de trigo
- 1 colher/sopa de pó Royal
- 2 xícaras/chá de leite
- 3 colheres/sopa de queijo ralado
- Sal à gosto
- 100 g. de queijo parmesão ralado para polvilhar.

Modo de preparar

1. Cozinhe as batatas, passe-as pelo espremedor e reserve-as.
2. Separe as claras e bata-as em ponto de neve. Reserve-as.
2. Coloque as gemas na batedeira, bata-as até

Rocambole de batata

- ficarem esbranquiçadas. Junte a manteiga e bata até obter uma mistura cremosa.
- 3. Adicione, então, as claras em neve, alternadamente com a farinha de trigo peneirada com o fermento em pó.
- 4. Bata por alguns minutos, junte o leite e, a seguir, as batatas, batendo até obter uma mistura homogênea. Por último, adicione o queijo ralado e misture bem.
- 5. Unte uma assadeira retangular com margarina, polvilhe com farinha de trigo.
- 6. Despeje a massa e leve para assar em forno pré-aquecido, por vinte minutos ou até que esteja assado.
- 7. Desenforme então, em um pano úmido e enrole como rocambole, recheando, antes, com um picadinho de carne moída, camarão ou palmito.

Sobremesa

Ingredientes

- 1/2 litro de leite
- 1 e 1/2 xícara/chá de miolo de pão embebido no leite e bem espremido
- 4 ovos
- 1 e 1/2 xícara/chá de açúcar
- 1 cálice de rum
- 1 colher/sobremesa de margarina Claybom
- Um punhado de uvas passas claras e sem sementes
- 1 pitada de noz-moscada ralada.

Pudim de pão

Modo de preparar

1. Deixe o pão de molho no leite e meça depois de espremido.
2. Bata levemente os ovos e ponha todos os ingredientes no liquidificador, menos as passas.
3. Depois de batido, desligue o aparelho e junte as passas.
4. Coloque a massa em forma untada com calda caramelizada. Asse no forno, em banho-maria.

RECEITA COM MENOS CALORIAS

Entrada

Maionese de legumes



Ingredientes

- 500 g de batatas cozidas
- 200 g de vagem cozidas
- 1 xícara/chá de palmito
- 1 pimentão vermelho
- 2 cenouras médias (cruas) raladas (no ralo grosso)
- 4 xícara/chá de salsa e cebolinha picadas
- 1 colher/chá de suco de limão
- Sal, pimenta branca em pó.
- 2 colheres/sopa de maionese *light*

Modo de preparar

1. Pique todos os ingredientes, junte a cenoura ralada e os demais temperos.
2. Leve à geladeira.
3. Antes de servir, arrume em uma travessa rasa e enfeite com alface picadinha à sua volta.

Prato principal

Canelone com ricota

Ingredientes

- 500 g de massa de canelone cozida
- 200 g de mussarela fatiada
- 300 g de ricota
- 100 g de creme *cheese light*
- 1 ovo inteiro
- 1/2 xícara de nozes trituradas
- Sal e pimenta a gosto
- 1 xícara/chá de molho pronto de tomates
- 2 colheres/sopa de queijo parmesão ralado

Modo de preparar

1. Prepare o recheio dos canelones, processando a ricota, o creme *cheese*, o ovo, as nozes, o sal e a

pimenta, até formar uma pasta. (Se não possuir processador, passe a ricota por uma peneira, e junte o creme *cheese*, o ovo, as nozes, o sal e a pimenta e misture até formar uma pasta).

2. Coloque sobre cada pedaço da massa cozida 1/2 fatia de mussarela e 1 colher/sopa do recheio de ricota. Enrole os canelones, coloque em um refratário untado com um fina camada de óleo.
3. Despeje o molho de tomates por cima, polvilhe com queijo parmesão e leve ao forno médio por, aproximadamente, vinte minutos, até derreter os queijos. Sirva quente.

Sobremesa

Pudim de Claras



Ingredientes

- 9 claras
- 1 colher/café de suco de limão
- 2 colheres/sopa de multi-adoçante

Calda

- 1 xícara/chá de ameixas pretas
- 3/4 xícara/chá de água

Modo de preparar

1. Coloque para cozinhar em fogo baixo as ameixas e a água. Mexa até desmanchar as ameixas e formar uma calda grossa. Deixe esfriar.
2. Bata as claras em neve e junte o suco de limão e o adoçante.
3. Unte uma forma de pudim com uma camada fina de óleo. Despeje as claras e leve para assar em banho-maria até que o pudim esteja dourado na superfície. Deixe esfriar, desenforme e sirva com a calda de ameixas.



(Continuação da página 22.)

exames primeiro para as mulheres. Quando o casal se queixa da impossibilidade de engravidar, a primeira coisa que se faz é encaminhar a mulher ao ginecologista. Raramente o marido é encaminhado a um especialista.

Muitas vezes, também a própria família da mulher reforça o mito da geração da vida, sentindo-se em dívida com a família do marido porque a filha não pode dar um herdeiro a eles. Por outro lado, a família do marido pressiona aquela estranha, e exige a prova de que ela é capaz de reproduzir.

Assim, num ciclo de relações absurdas e míticas, perpetua-se a mulher infértil, camufla-se o homem infértil, e trabalha-se apenas o aspecto racional da busca ávida por filhos.

Parece que, quando um homem e uma mulher se casam, obrigatoriamente precisam ter filhos. Caso contrário, estarão dando um sinal de fracasso da relação, de pessoas mal-sucedidas na vida.

A busca racional dos filhos negligencia o lado afetivo e privilegia o aspecto do sexo legal, ou seja, a mulher é obrigada a dar filhos para o marido, por força de lei.

Quantos filhos não nasceram para salvar ou perpetuar um casamento? Quantos homens que não têm filhos são tidos como menos machos em relação à queles que são pais?

Indo até mais longe, quantos homens que têm mais filhos homens são considerados melhores e mais fortes do que aqueles que têm somente filhas mulheres?

Estes são os preconceitos. O casal precisa ter filhos logo após o casamento para provar que o homem conseguiu possuir e dominar a mulher. E a mulher corresponde a esta visão machista por meio de sua educação submissa. Se a relação homem-mulher é de domínio desde o seu início, o amor deixa de ser uma condição para ser uma complicação.

Boa parte da ciência, no momento em que não esclarece estas

questões, está a serviço do poder e da manutenção do comportamento institucional. A ciência ainda não resolveu a questão da sexualidade, do amor e do prazer na vida do ser humano. Chega a ser sexofóbica, justificando a sexualidade como um mera herança ca-

sual do nosso lado animal; assim, ignora a busca do prazer.

É por isso que a infertilidade do casal vai além da possibilidade biológica de um homem fecundar a mulher. Em nossa sociedade, casar pode significar a busca incessante e mecânica do sexo para a procriação. Embora se gere

a vida de outra pessoa, o aspecto emocional da vida está sendo ferido. Nem sempre há emoção e sentimento no casamento, somente a necessidade de ter um fi-


lho apenas como documento para provar o êxito do casal: a masculinidade do marido e a fertilidade da mulher.

Depois de o casal passar por todo este processo, pode-se até provar que a in-

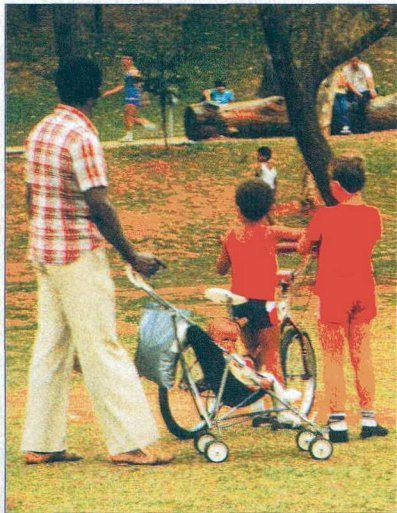
fertilidade, do ponto de vista racional, não existia, porque nasceu uma criança. Mas, depois de todo o sofrimento da mulher, do seu desgaste emocional, poderá restar a impossibilidade afetiva.

Por que muitos casais adotam filhos secretamente? Para ocultar a incapacidade de gerar. Eu perguntaria aos casais que adotam filhos desta forma: a infertilidade era da mulher ou do homem?

Embora não tenha dados que comprovem, posso arriscar que neste caso seria o homem o infértil, pois geralmente o casal que adota quer encontrar crianças parecidas com o pai, com cabelos da mesma cor, com tom de pele idêntica ao do pai postigo. Raramente se procura uma criança com traços similares ao da mãe.

Concluindo, embora a infertilidade deva ser entendida como problema do casal, na maioria das vezes ainda se enfatiza a responsabilidade da mulher. 

O casal precisa ter filhos logo após o casamento para provar que o homem conseguiu possuir e dominar a mulher.



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro **A paternidade faz a diferença**, Ed. Gente.

Vocação do cristão

2º Domingo da Quaresma
28 de fevereiro de 1999

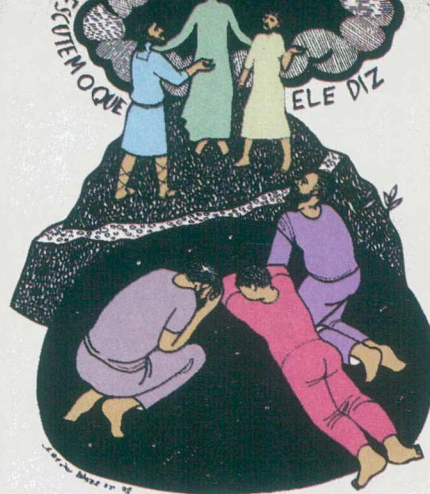
INTRODUÇÃO

O primeiro homem que respondeu ao chamado divino, e que nos serve de modelo, foi Abraão. Deus vai-nos manifestando, pouco a pouco, os passos que deveremos dar, como na Campanha da Fraternidade deste ano, cujo lema é: "Sem trabalho...por quê?!" Esta nos leva a refletir sobre o que podemos e devemos fazer para que haja trabalho garantido para as pessoas.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura - Gn 12, 1-4a

Esta leitura apresenta, para quem irá batizar-se na noite de Páscoa e para nós que já o fomos, a meditação sobre o início da história da salvação. Tudo começou com a manifestação de Deus a Abraão e com seu chamado a ser o pai de um grande povo. Eis, em síntese, a escolha que lhe é proposta: deixar o modelo de vida que está levando e que lhe dá segurança; seguir um caminho completamente novo e desconhecido; e confiar somente naquele que lhe prometeu uma terra, um povo e a bênção. Ele aceita. Acredita que o Senhor sempre mantém a palavra. Sabe que, não obstante todas as aparências contrárias, Ele o conduzirá para uma terra rica e fecunda. A maneira como Abraão respondeu ao chamado de Deus é um convite a não nos encolhermos dentro de nós mesmos, a termos a coragem de abandonar determinadas atitudes, certos modos de pensar e de viver, hábitos e costumes, ainda que muito



frequentes em nossa sociedade, que não condizem com o Evangelho. O afastamento sempre é duro, mas, depois disso, Deus pode entrar, romper todo o falso equilíbrio, prometendo uma vida diferente, autêntica, repleta de amor e de paz interior.

2ª leitura - 2Tm 1, 8b-10

No texto extraído da carta a Timóteo, Paulo quer reanimar seus discípulos, às voltas com duras provações. Lembra-lhes que a fidelidade a Cristo implica riscos ponderáveis e ainda muitos sofrimentos. Não é próprio de Deus conduzir os homens por caminhos fáceis. As vidas de Abraão, de Cristo e do próprio Paulo foram difíceis. As dos cristãos também o serão. Mas Paulo enfatiza: sei em quem pus minha confiança (Cristo Jesus)! Ensina, também, que a vocação cristã é totalmente gratuita; nada podemos fazer para merecê-la. Esse dom está apoiado, portanto, somente no poder e na graça de Deus.

Evangelho - Mt 17, 1-9

Mateus quer levar os cristãos convertidos do Judaísmo, e a nós também, a compreender quem é Jesus. Como faziam os rabinos do seu tempo, recorre às figuras e aos símbolos, que eram imediatamente assimilados pelos seus leitores, mas que para nós apresentam certa dificuldade. Ele quer apresentar Jesus como o novo Moisés. Ora, se lermos Êxodo

24, veremos que dele se diz ter subido a montanha após seis dias, com dois discípulos e que foi envolto por uma nuvem. Lá, sua face também foi transfigurada pela luz da glória divina (cf. Ex 34, 30). O semblante com resplendor e as vestes luminosas indicam, conforme o simbolismo do tempo, a presença de Deus na pessoa de Jesus. O mesmo sentido tem a nuvem de luz. A voz do céu é o modo de apresentar o que Deus pensa de um determinado acontecimento, como sucedeu no batismo de Jesus. Moisés e Elias representavam para os israelitas todo o Antigo Testamento. Pedro julga que Jesus é somente um grande personagem, um homem do mesmo nível de Moisés e Elias, por isso sugere que sejam construídas três tendas iguais. Nesse ponto, Deus intervém para corrigir a falsa interpretação de Pedro: Jesus não é somente uma grande legislador, ou um simples profeta, é o Filho predileto do Pai. É a Ele e somente a Ele que os discípulos devem dar ouvidos. Por isso, quando os discípulos levantam os olhos, não vêem mais ninguém a não ser Jesus. Moisés e Elias desapareceram, já cumpriram a sua missão: apresentar ao mundo o Messias, o novo profeta, o novo legislador.

PARA REFLEXÃO

O que nos ensina o exemplo de Abraão, para nós que já fomos batizados? Sabemos também, interpretar a vontade de Deus, através dos acontecimentos que nos envolvem? Nesta Quaresma, estamos dispostos a seguir Jesus, na doação ao próximo, como Ele fez? No espírito da Campanha da Fraternidade, já descobrimos o significado da oração, do jejum e da esmola? Qual será nosso gesto concreto em prol da CF'99? ■

O dom do Espírito

3º Domingo da Quaresma
7 de março de 1998

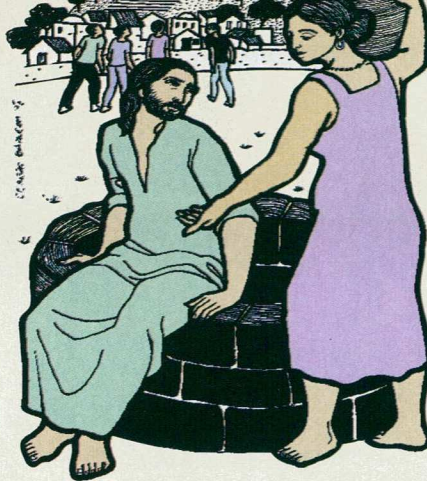
INTRODUÇÃO

A partir deste domingo, a liturgia nos convida a reviver nosso batismo, meditando sobre a história da salvação, servindo-se do simbolismo da água. De todo indispensável para a existência dos seres vivos, também o é para o homem novo a água viva (o dom do Espírito).

LEITURAS BÍBICAS

1ª leitura - Ex 17,3-7

O povo de Israel tinha vivido momentos de alegria, após ter experimentado os prodígios da saída do Egito e da passagem pelo leito seco do Mar Vermelho. Agora, no deserto, sente fome e sede. Quando percebe que não há mais água, esquece, facilmente, as maravilhas que o Senhor lhe tinha feito e começa a duvidar da fidelidade de Deus às suas promessas, dizendo: *O Senhor está, ou não, no meio de nós?* Fazendo brotar água da rocha, Deus se manifesta salvador de seu povo e o põe em condições de prosseguir a viagem até a terra prometida. A experiência de Israel se repete na vida de todo cristão. Purificado pelo batismo e conduzido pelo Espírito, pensa que está livre, para sempre, das más inclinações e dos maus desejos. Surgem então, as quedas morais, os problemas com a família, no emprego (ou sem ele!) e começam os desencantos. Duvida, até, que Deus realmente acompanhe a comunidade na sua caminhada, que a proteja,



defenda-a e a abençoe, como tantas vezes lhe foi dito. É hora, então, de meditar na resposta do Senhor à oração angustiada de Moisés: *Eis que estarei junto a ti!*

2ª leitura - Rm 5,1-2.5-8

“Comporta-te bem e Deus te abençoará!” Quem assim fala, baseia sua esperança em suas boas obras. Ora, sabemos como somos insustentáveis! Fracos, desviamos-nos do caminho certo com extrema facilidade. Se nos fundamentássemos em nossas boas obras, não estaríamos nunca certos da nossa salvação. Viveríamos em angústia permanente. Por isso, o apóstolo Paulo escreveu para a comunidade romana que a esperança deles não deveria apoiar-se nas boas obras, mas no amor de Deus. Esse amor não é fraco, nem inconstante e inseguro como o nosso. Além disso, o amor de Deus também é diferente do nosso. Somos levados a ter afeto somente pelos bons, pelos amigos e por quantos nos proporcionam o bem. Ao passo que Deus ama os homens que são seus inimigos. *Com efeito, quando éramos ainda fracos, Cristo a seu tempo, morreu pelos ímpios.* Nossa esperança nunca será em vão, não porque somos bons, mas porque Deus é bom!

Evangelho - Jo 4,5-42

O encontro entre Jesus e a mulher de Samaria é rico de lições. Primeiramente, o Mestre não se deixa levar pela lei rígida, discriminante e sem

sentido, que proibia aos homens falar a sós com mulheres desconhecidas. Exige dos seus discípulos a pureza de coração e da intenção, sendo até severo quanto a isso: *Quem olha uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração* (Mt 5,28) mas não se preocupa em nada com as aparências. Em segundo lugar, a samaritana, para o evangelista, representa o povo de Israel. Este foi comparado freqüentemente a uma esposa, com quem Javé se uniu em matrimônio, e que Lhe era infiel, adorando outros deuses! A história dos adultérios daquela samaritana, portanto, é a mesma da do povo de Deus. Jesus encontra essa esposa infiel no poço e quer reconduzi-la ao seu primeiro amor: Javé. Por fim, a água do poço é o símbolo de todas as satisfações, de todos os prazeres que os homens procuram avidamente, na esperança de encontrar neles a própria felicidade, mas que, no fim, deixam sempre muito vazio e muita desilusão. Todas essas coisas podem provocar prazer, mas não a felicidade. Continue-se a repeti-las, justamente porque não se encontra nelas a alegria que se procura. A última parte do Evangelho nos apresenta a conclusão do caminho espiritual da samaritana e de todos os catecúmenos. O que faz a mulher, depois que descobriu Cristo? Corre a anunciar a todos a sua descoberta e a sua felicidade. Também os batizados recebem o convite a fazer o mesmo: testemunhar aos outros a obra que Deus realizou neles.

PARA REFLEXÃO

Como reagimos diante das dificuldades? Exigimos sinais e milagres de Deus? Baseamos a nossa esperança no Seu amor ou em “nossas obras”? Aceitamos a água viva, oferecida por Jesus? ■

Olhar de Deus

4º Domingo da Quaresma
14 de março de 1998

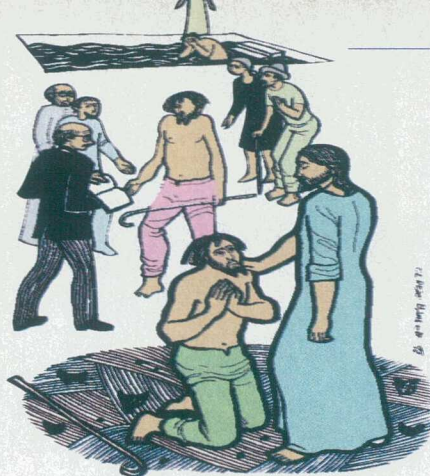
INTRODUÇÃO

Assistimos, neste final de século, a um fenômeno estranho. Os cientistas têm, cada vez, mais clareza em seus objetivos com suas descobertas e conquistas. Ao passo que o homem se torna mais e mais confuso, sem perceber esperanças no escuro de seu horizonte. Só a mensagem de Jesus Cristo é capaz de iluminar, com eficácia, essas trevas em que o homem está metido.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura - 1Sm16,1b.6-7.10-13a

Entre as belas narrativas dos livros de Samuel, encontramos trechos lindíssimos, como o de hoje. Davi é consagrado rei no lugar de Saul. Reina sete anos em Hebron, sobre a tribo de Judá, e mais tarde em Jerusalém, sobre as doze tribos, fazendo de Israel um verdadeiro reino. Esse rei, apesar de suas faltas, fiel à observância da vontade divina, tornou-se o condutor de seu povo, conforme o coração de Deus, um predecessor do Messias Jesus, o qual foi, de um modo único, o guia, o rei e o salvador da humanidade. O episódio, aconteceu há cerca de mil anos antes do nascimento de Cristo. O escolhido por Deus não foi nenhum dos que se pensava. Mas o mais novo, quase uma criança, que estava tomando conta do rebanho. Quando se trata de escolher alguém para cumprir uma missão importante, Deus parece agir contra toda a lógica.



Jesus terá o mesmo comportamento. Escolherá os pequenos, os pecadores, os pobres, os pastores, as pessoas desprezadas, que serão os primeiros convidados ao banquete do Reino. Por que Deus se comporta sempre dessa maneira? A resposta se encontra no v.7: *o que o homem vê não é o que importa: o homem vê a face, mas o Senhor olha o coração.* Aquele que não foi iluminado julga as coisas e o mundo com olhos humanos; em verdade é um cego, não tem capacidade de enxergar.

2ª leitura - Ef 5,8-14

O catecúmeno também sente-se tentado muitas vezes a julgar conforme as aparências. Quase sem querer, enfrenta os problemas e julga tudo o que acontece "com os olhos dos homens". Paulo escreve aos primeiros cristãos que, com o batismo, eles passaram do mundo das trevas para o reino da luz. Portanto, devem aprender a encarar o mundo e os homens *com os olhos de Deus.* Mas não é só fugir do mal ou fazer o bem mas também denunciar as obras das trevas. A denúncia é como um feixe de luz projetado sobre elas, deixa-as a descoberto, priva-as da sua proteção mais eficaz. É como se faltasse a água para o peixe: não pode continuar vivendo. O apóstolo escreve que as ações vergonhosas devem ser condenadas com clareza, não se deve tentar justificá-las, desculpá-las ou torná-las de alguma forma aceitáveis.

Evangelho - Jo 9,1-41

Anarrativa de João sobre o cego de nascença sempre foi proposta durante a Quaresma. A mensagem é a seguinte: antes do encontro com Cristo, os catecúmenos eram cegos e o Mestre lhes restituiu a vista.

Os homens de hoje nada mais vêem do que as realidades materiais. Mas de fato só existem essas? Os que não conseguem ver nada além da matéria são cegos e precisam ser iluminados por Cristo. No trecho de hoje, Jesus aparece no começo da narrativa e reaparece somente no fim. Não interveio antes, deixou que o cego se virasse sozinho em meio às dificuldades e aos conflitos. A pessoa "iluminada" não precisa da presença física do Mestre. A força que lhe advém da "luz" que recebeu é suficiente para mantê-la firme na fé e para orientá-la nas escolhas certas e coerentes. Os chefes não têm capacidade ou não querem ver quem é Jesus. O cego, ao contrário, percorre o caminho da fé que corresponde ao de cada catecúmeno. No começo, Jesus é para ele um simples "homem" (v.11); depois vira "um profeta" (v.17); em seguida é "um homem de Deus" (vv.32-33); por fim, é o "Senhor" (v.38). Este último título é o mais importante; é aquele com o qual os catecúmenos proclamavam a própria fé em Jesus, na hora do batismo.

PARA REFLEXÃO

Encaramos o mundo e os homens com os olhos de Deus? Temos consciência de que as obras da luz são toda a espécie de bondade, de justiça e de verdade? Estamos convictos de que Deus não castiga ninguém, somente ama, e sobretudo aqueles que erram? Nunca nos aconteceu ter medo de nos posicionarmos do lado da verdade?



O Senhor da Vida

5º Domingo da Quaresma
21 de março de 1998

INTRODUÇÃO

Na família em que marido e mulher se ofendem; no jovem que escolheu o caminho da droga, da corrupção, do roubo; e na comunidade, onde há intrigas, maledicências e invejas está a morte. O Espírito do Senhor, porém, tem o poder de reanimar até cadáveres!

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura - Ez 37,12-14

O profeta Ezequiel é um sacerdote que desenvolve a sua missão de enviado de Deus entre os israelitas no exílio. Anuncia ao povo derrotado e humilhado uma mensagem de conforto e de esperança: Israel — afirma — é quase um cadáver sem vida, ou até pior, um esqueleto ressequido, corruído, consumido por tantos anos passados no sepulcro do exílio. Na seqüência, anuncia uma maravilha do Senhor: *Eu vos tirarei dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos levarei de volta à terra de Israel.* E, para os que duvidam, ele reafirma: *Digo e faço.* As palavras de Ezequiel podem ser aplicadas a todas as situações de morte nas quais os homens podem vir a encontrar-se; há morte, por exemplo, na família em que os casais não dialogam mais e praticam reciprocamente a traição; há morte nas casas onde os pais não falam mais com os filhos; há morte no trabalho, quando os patrões enriquecem, negando a seus empregados o salário justo. O Senhor,



porém, que prometeu ressuscitar o Seu povo para uma nova vida, tem o poder de transformar os corações.

2ª leitura - Rm 8,8-11

A vida do homem tem um começo e um fim. A de Deus, não. Ele não nasceu e não morre nunca. O trecho de Paulo indica a realização perfeita do que lemos na primeira leitura: *Quando eu puser em vós o meu espírito, voltareis à vida.* Ora, Jesus ressuscitou porque possuía em plenitude o espírito de Deus, isto é, tinha em Si, a vida de Deus. E conclui dizendo que também nós, que recebemos no batismo o mesmo Espírito, a mesma vida, não podemos morrer. A nossa vida acabará, mas não será o fim de tudo. O Espírito que ressuscitou Jesus nos fará viver eternamente também.

Evangelho — Jo 11,1-45

As narrativas do cego de nascença, do diálogo com a samaritana, sobre as quais meditamos nos domingos anteriores, e a de hoje (da ressurreição de Lázaro) tendem a despertar em nós a fé em Jesus, que dá a vida eterna. O milagre da ressurreição de Lázaro (que depois tornará a morrer) é apenas sinal de uma vida que não conhece mais a morte e que nasce no homem por meio da fé. À luz dessa explicação, pode-se compreender a frase de Jesus: *Quem crê em mim, ainda que morra, viverá, e quem vive e crê em mim, não morrerá para sempre.*

Deixando Lázaro morrer (em vez de curá-lo, assim que soube de sua doença), Jesus nos diz que Ele não veio para impedir a morte física. Esta vida deve terminar. Jesus, por ser homem, morreu como nós também temos de morrer. Ele não veio para eternizar esta vida, mas para dar-nos a vida que não acaba. Pela resposta que Marta dá a Jesus, compreende-se que ela pertence ao grupo daqueles que acreditam na ressurreição dos mortos, mas somente no fim do mundo. Completamente diferente da nossa fé, o cristão não acredita numa morte e depois numa ressurreição, no fim do mundo. Acredita que o homem, remido por Cristo, não morre. *Quem crê em mim, não morre*, disse Jesus para Marta. E acrescenta: Não morre, de fato, nasce para uma vida nova, entra no mundo de Deus, passa a fazer parte de uma vida que não está mais sujeita aos limites da vida desta terra. É uma vida que não acabará jamais. A vida divina que nós recebemos no batismo não pode ser vista, verificada ou tocada. Para que ela possa manifestar-se, é preciso que a vida material, ligada a este mundo, termine. É por esta razão que os primeiros cristãos chamavam “dia do nascimento” àquele que para os outros homens é o dia da morte.

PARA REFLEXÃO

Quando choramos nossos mortos, nosso pranto é o dos desesperados, dos que acham que com a morte tudo acabou? Ou é como o de Cristo, sereno e digno, que não pode deixar de derramar lágrimas, quando um amigo morre? Como cristãos, sabemos que não estão mortos o parente ou o ente querido que nos deixaram? Acreditamos que, de fato, ele está feliz, junto de Deus? Ou como diz o povo: “passou desta para melhor”? ■

Morte para Vida

DOMINGO DE RAMOS
E DA PAIXÃO DO SENHOR

28 de março de 1999

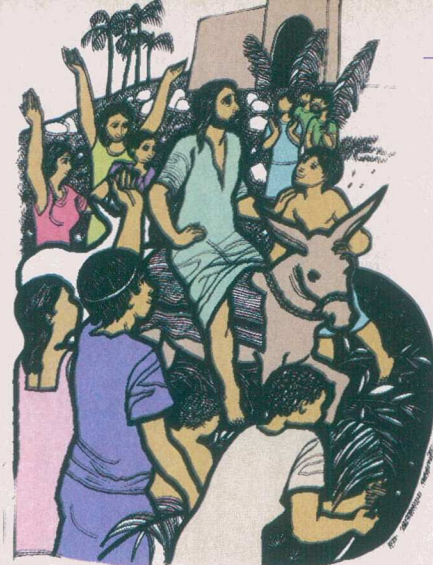
INTRODUÇÃO

Os evangelistas não narram os sofrimentos e a morte de Cristo para provocar a nossa comoção. Querem propor-nos a pessoa de Cristo que doa, livremente, Sua vida por nosso amor. O discípulo de Jesus é aquele que vive a mesma experiência.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura - Is 50,4-7

Há domingos atrás, mais precisamente na Festa do Batismo de Jesus, foi-nos apresentado, pelo profeta Isaías o “Servo do Senhor”. Hoje, meditamos suas palavras. Ele foi enviado para anunciar uma mensagem de consolação. Aguarda-o uma forte oposição, uma hostilidade que não se limitará a palavras de ofensa, mas se traduzirá numa agressão física real: cuspirão no seu rosto, baterão nele, hão de torturá-lo e flagelá-lo. Este trecho de Isaías nos lembra com certeza o que os soldados de Pilatos fizeram com Jesus. É ele o “Servo” fiel a Deus que dedicou sua vida inteira para a libertação dos homens. Mas naquilo que aconteceu a este “Servo” é fácil reconhecer também a história de todo homem que quer praticar e anunciar a justiça. A exemplo de Cristo, deverá permanecer fiel ao Senhor e levar a cabo a sua missão em favor dos oprimidos, sempre com a certeza de ter Deus a seu lado.



2ª leitura - FL 2,6-11

Como hoje, também entre os filipenses havia inveja. Alguns julgavam-se superiores e achavam que podiam mandar nos demais. Paulo os exorta: *Não deveis fazer nada por egoísmo, ou para sentir-vos superiores aos outros, mas cada um de vós, com toda a humildade, considere os outros superiores a si mesmo, ninguém procure o próprio interesse, mas antes o dos outros.*

E continua: Ele já existia na forma divina, antes de se fazer homem. Com a encarnação, pôs de lado a sua grandeza divina e apareceu diante dos nossos olhos na humildade e na fraqueza do homem, do mais desprezado dos homens: o escravo, aquele para quem os romanos reservavam a morte da cruz.

Permitamos que esta imagem de Jesus — humilde servo — penetre no nosso coração nestes dias nos quais celebramos o seu rebaixamento mais profundo, com sua morte e, ao mesmo tempo, o auge de sua glorificação, através de sua ressurreição.

Evangelho - Mt 26,14-27,66

A Paixão de Cristo, hoje, é apresentada por Mateus. Ao longo de sua narração, ele observa que tudo o que está acontecendo a Jesus foi previsto pelos profetas: estava escrito no Antigo Testamento. Também os outros evangelistas observam

o cumprimento das Escrituras, porém Mateus o destaca com maior insistência. Por que faz isso? Porque ele escreve o seu Evangelho para os judeus, e estes esperavam por um Messias vencedor, um dominador grande e poderoso, um rei superior a todos os soberanos deste mundo. Perguntavam: Como pode Jesus ser o Messias? Ele foi derrotado! Aos pés da cruz, os judeus manifestam esta mesma idéia no insulto que dirigem a Jesus: *Salva-te a ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz!* Para os judeus e para todos os que também hoje se escandalizam diante de um Messias derrotado, Mateus responde: as profecias do Antigo Testamento anunciam um Messias humilhado, perseguido e morto, dizem que ele deveria ser o companheiro de todo homem sofredor e oprimido. Até os menores detalhes da Paixão de Jesus, como por exemplo, a traição de Judas por trinta moedas — diz-nos Mateus — foram anunciados pelos profetas. Um outro ensinamento que o evangelista quer ressaltar é o repúdio de Jesus à violência e ao uso das armas. Isso fica evidente, quando manda a Pedro guardar sua espada e renuncia ao uso do Seu poder: *Crês tu que não posso invocar meu Pai e ele não me enviaria, imediatamente, mais de doze legiões de anjos?*

PARA REFLEXÃO

Qual é a nossa maneira de entender o Messias: é semelhante à dos judeus ou se deixa iluminar pelas profecias da Escritura? De que lado estamos nós, quando, por exemplo, pretendemos que Deus confirme nossos projetos, quando cultivamos uma imagem de Igreja repleta de honrarias e de reconhecimento público, triunfalista, grande e aliada aos poderosos deste mundo?



LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DE SEMANA DE MARÇO

2ª semana da Quaresma

Dia 1º - segunda: Dn 9,4b-10 = Oração de Daniel: Pecamos, Senhor! Lc 6,36-38 = Perdoai, e sereis perdoados.

Dia 2 - terça: Is 1,10.16-20 = Sede dóceis e obedientes, para os vossos pecados serem perdoados. Mt 23,1-12 = Sede obedientes e humildes: um só é o vosso Pai e Mestre.

Dia 3 - quarta: Jr 18,18-20 = Conspiração contra o profeta. Mt 20,17-28 = Anúncio da Paixão: Podeis beber o meu cálice?

Dia 4 - quinta: Jr 17,5-10 = Escutai a palavra do Senhor. Lc 16,19-31 = O rico e o pobre Lázaro (Se não ouvirem aos profetas...).

Dia 5 - sexta: Gn 37,3-4.12-13a.17b-28 = José vendido por seus irmãos. Mt 21,33-43.45-46 = Parábola dos lavradores homicidas.

Dia 6 - sábado: Mq 7,14-15.18-20 = Jogai os nossos pecados nas profundezas do mar! Lc 15,1-3.11-32 = Parábola do filho pródigo.

3ª semana da Quaresma

Dia 8 - segunda: 2Rs 5,1-15a = Naamã recorre a um profeta estrangeiro para se curar. Lc 4,14-20 = Nenhum profeta é aceito em sua pátria.

Dia 9 - terça: Dn 3,25.34-43 = Malgrado os nossos pecados, perdoai-nos, Senhor. Mt 18,21-35 = Perdoar sem limite.

Dia 10 - quarta: Dt 4,1.5-9 = Observai a minha Lei e não a olvideis. Mt 5,17-19 = Não vim abolir, e sim completar a Lei e os profetas.

Dia 11 - quinta: Jr 7,23-28 = Não escutam a voz, nem aceitam as advertências de Deus. Lc 11,14-23 = É pelo diabo que ele expulsa demônios.

Dia 12 - sexta: Os 14,2-10 = Apelo à conversão: volta ao Senhor, teu Deus. Mc 12,28b-34 = Os dois maiores mandamentos.

Dia 13 - sábado: Os 6,1-6 = Eu quero o amor, mais que os sacrifícios. Lc 18,9-14 = Parábola do fariseu e do publicano.

4ª semana da Quaresma

Dia 15 - segunda: Is 65,17-21 = Não haverá mais solução nem tristeza, nem morte prematura. Jo 4,43-54 = Cura do filho de um oficial, em Cafarnaum.



Dia 16 - terça: Ez 47,1-9.12 = Poder da fonte maravilhosa que jorra do templo. Jo 5,1-3a.5-16 = Jesus cura um paraplético sem ajuda de água.

Dia 17 - quarta: Is 49,8-1 = Deus consola o seu povo na aflição. Jo 5,17-30 = Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida.

Dia 18 - quinta: Ex 32,7-14 = Moisés aplaca o Senhor. Jo 5,31-47 = Tudo o que faço prova que sou enviado pelo Pai.

Dia 19 - sexta: *S. José, esposo da Bem-aventurada Virgem Maria, Padroeiro da Igreja Universal.* 2Sm 7,4-5a.12-14a.16 = Promessas de Deus a Davi. Rm 4,13.16-18.22 = Abraão justificado pela fé. Mt 1,16.18-21.24a = Nascimento de Jesus.

Dia 20 - sábado: Jr 11,18-20 = Manso cordeiro conduzido à matança, eu

ignorava as maquinações. Jo 7,40-53 = Os chefes tramam contra Jesus: Da Galiléia não sai profeta algum.

5ª semana da Quaresma

Dia 22 - segunda: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62 = Daniel livra Suzana inocente. Jo 8,1-11 = Jesus livra uma mulher adúltera.

Dia 23 - terça: Nm 21,4-9 = Quem olhava para a serpente no estandarte ficava curado. Jo 8,21-30 = Reconhecereis o Filho do homem, quando o tiverdes levantado.

Dia 24 - quarta: Dn 3,14-20.9-92.95 = Deus livra os três jovens na fornalha. Jo 8,31-42 = A verdade vos livrará.

Dia 25 - quinta: *Anunciação do Senhor.* Is 7,10-14; 8,10 = O sinal de Emanuel. Hb 10,4-10 = O Antigo Testamento, mera sombra do novo. Lc 1,26-38 = Anunciação do nascimento de Jesus. Dia 26 - sexta: Jr 20,10-13 = O Senhor está comigo: meus perseguidores não vencerão. Jo 10,31-42 = Jesus escapa dos que o queriam apedrejar.

Dia 27 - sábado: Ez 37,21-28 = Deus reunirá seu povo. Jo 11,45-46 = Jesus vai morrer para unir os filhos de Deus.

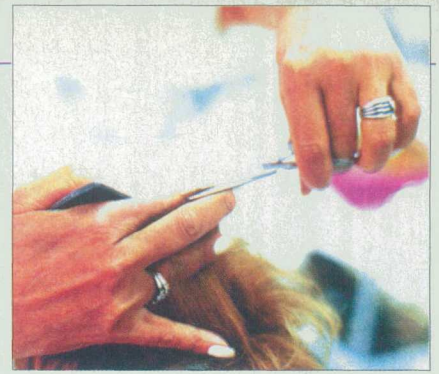
Semana Santa

Dia 29 - segunda: Is 42,1-7 = Primeiro cântico do Servo: apresentação. Jo 12,1-11 = Seis dias antes da Páscoa, jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus.

Dia 30 - terça: Is 49,1-6 = Segundo cântico do Servo: a missão. Jo 13,21-33.36-38 = Jesus anuncia a traição dos seus.

Dia 31 - quarta: Is 50,4-9a = Terceiro cântico do Servo: sofrimento e confiança. Mt 26,14-45 = Traído, o Filho do homem vai...

Fraternidade e desempregados



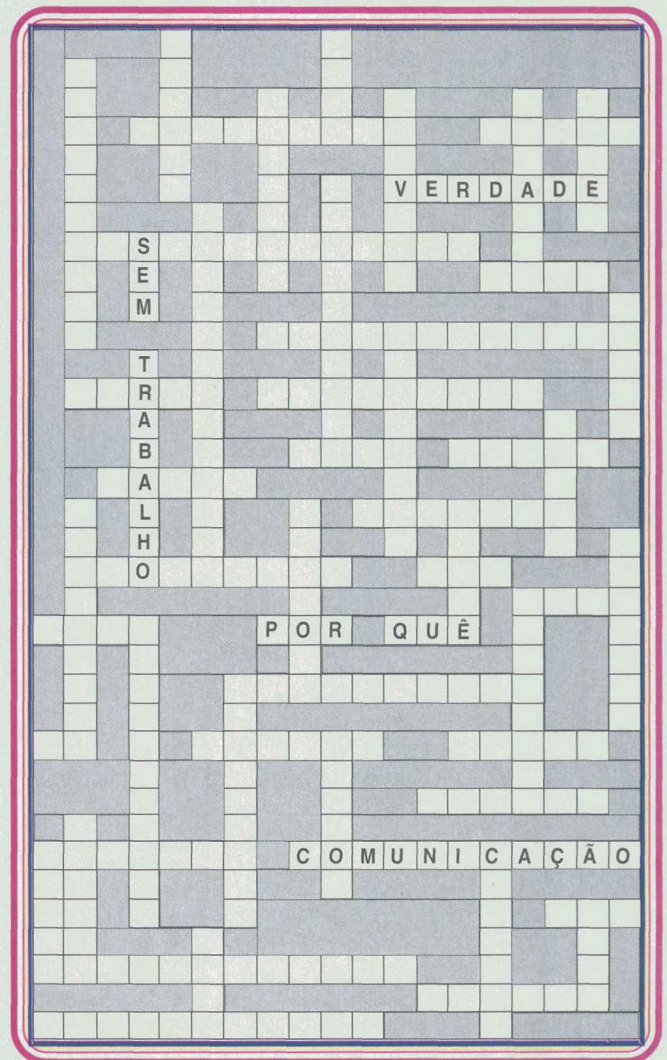
O cristão autêntico que aprende a VER (cf. número anterior) não consegue ficar sem JULGAR. Mas seu julgamento não deverá ser para condenar, só a Deus pertence a decisão de juiz e dar uma sentença.

Vejam nos lemas das C.F.s dos últimos anos deste milênio quais foram as preocupações da Igreja: delas escolhemos

palavras que direta ou indiretamente podem-se relacionar com o DESEMPREGO, seja como causa ou efeito, como necessidade ou solução. Enquanto as coloca no diagrama VEJA, JULGUE e tente AGIR com mais fraternidade no seu coração, para poder responder com maturidade, na alvorada do novo milênio, ao PAI: (Gn 4,9).

Lemas das Campanhas em 25 anos (1964/99)

- 1 LEMBRE-SE: VOCÊ TAMBÉM É IGREJA.
- 2 FAÇA, DE SUA PARÓQUIA UMA COMUNIDADE DE FÉ, CULTO E AMOR.
- 3 SOMOS RESPONSÁVEIS UNS PELOS OUTROS.
- 4 SOMOS TODOS IGUAIS, SOMO TODOS IRMÃOS.
- 5 CRER COM AS MÃOS.
- 6 PARA O OUTRO, O PRÓXIMO É VOCÊ.
- 7 SER CRISTÃO É PARTICIPAR.
- 8 RECONCILIAR.
- 9 DESCUBRA A FELICIDADE DE SERVIR.
- 10 O EGOÍSMO ESCRAVIZA, O AMOR LIBERTA.
- 11 ONDE ESTA TEU IRMÃO?
- 12 REPARTIR O PÃO.
- 13 CAMINHAR JUNTOS.
- 14 COMECE EM SUA CASA.
- 15 TRABALHO E JUSTIÇA PARA TODOS.
- 16 PRESERVE O QUE É DE TODOS.
- 17 PARA ONDE VAIS?
- 18 SAÚDE PARA TODOS.
- 19 A VERDADE VOS LIBERTARÁ.
- 20 FRATERNIDADE SIM, VIOLÊNCIA NÃO.
- 21 PARA QUE TODOS TENHAM VIDA.
- 22 PÃO PARA QUEM TEM FOME
- 23 TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS.
- 24 QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE.
- 25 OUVI O CLAMOR DESTES POVO!
- 26 COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ.
- 27 MULHER E HOMEM: IMAGEM DE DEUS.
- 28 SOLIDÁRIOS NA DIGNIDADE DO TRABALHO.
- 29 JUVENTUDE - CAMINHO ABERTO.
- 30 ONDE MORAS?
- 31 A FAMÍLIA, COMO VAI?
- 32 ERAS TU, SENHOR?
- 33 JUSTIÇA E PAZ SE ABRAÇARÃO!
- 34 CRISTO LIBERTA DE TODAS AS PRISÕES.
- 35 A SERVIÇO DA VIDA E DA ESPERANÇA (EDUCAÇÃO).
- 36 SEM TRABALHO... POR QUÊ?!



DISCRIMINAÇÃO	DIGNIDADE	VÍCIOS	HOMEM
CRIMINALIDADE	TRABALHO	MULHER	ABUSO
FRATERNIDADE	PARÓQUIA	JUNTOS	VOCÊ
RESPONSÁVEL	EDUCAÇÃO	IGUAIS	VIDA
EXCLUDENTES	VERDADE	IGREJA	POVO
IGNORÂNCIA	SERVIÇO	CLAMOR	ONDE
DESPREPARO	PRÓXIMO	TODOS	MÃOS
COMUNIDADE	PRISÕES	TERRA	FOME
VIOLÊNCIA	MORADIA	SAÚDE	CASA
LIBERDADE	JUSTIÇA	OUTRO	AMOR
JUVENTUDE	FAMÍLIA	MENOR	PAZ
EXCLUÍDOS	EGOÍSMO	IRMÃO	PÃO
ESPERANÇA	CRISTÃO	IDADE	FÉ

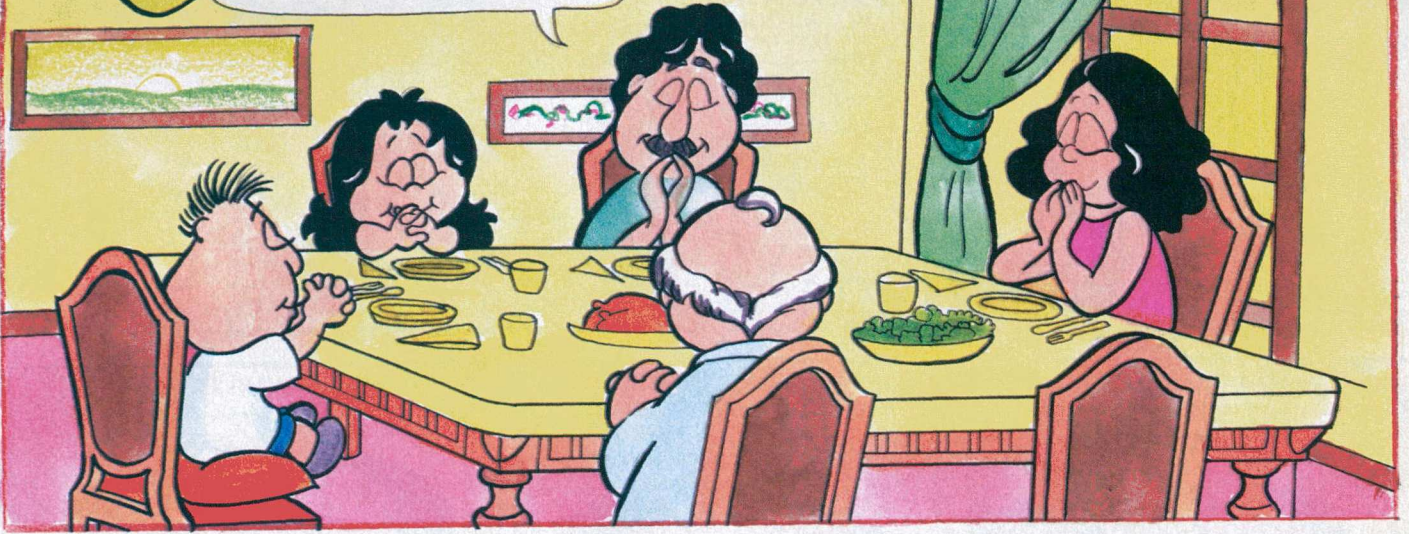


Norma Termignoni é professora, autora do livro Educação para o Lar (Ed. Ave Maria).

Mônica e a Turma Eco-Íris

por TINA GLÓRIA

OBRIGADO, SENHOR, PELA NOSSA MESA FARTA, POR NOSSA FAMÍLIA, POR NOSSOS EMPREGOS...



E AONDE VOCÊS APRENDERAM TANTO SOBRE A NATUREZA?

MUITAS COISAS APRENDEMOS NA ESCOLA E NOS LIVROS MAS A MINHA MÃE NOS AJUDA: ELA É EDUCADORA AMBIENTAL, SABE!

VERDADE? EU TENHO UMA EMPRESA DE ENGENHARIA AMBIENTAL, E ESTOJ PRECISANDO DE UM EDUCADOR, PARA IR ÀS INDÚSTRIAS E EMPRESAS, ENSINAR ÀS PESSOAS A CUIDAR DO MEIO AMBIENTE!

OLHA, ENTREGUE MEU CARTÃO A ELA! PEÇA QUE VÁ AMANHÃ MESMO!

VERDADE?

DEPOIS... MAMÃE! MAMÃE! TENHO UMA SURPRESA PRA VOCÊ! É UM TRABALHO!

VOCÊ VAI PODER CONTINUAR ENSINANDO AS PESSOAS TUDO SOBRE A NATUREZA!

E GRAÇAS À TURMA ECO-ÍRIS, NÉ?

GRAÇAS AO SEU TALENTO, MÃE!

UM MÊS DEPOIS... OI MAÍRA! COMO SUA MÃE ESTÁ INDO NO TRABALHO NOVO? SUPER BEM, MOSCÃO!

CADA VEZ MAIS EMPRESAS E ESCOLAS ESTÃO INTERESSADAS EM FAZER EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

NA ESCOLA... BOA TARDE, TURMA! HOJE VAMOS ASSISTIR A UMA PALESTRA SOBRE MEIO AMBIENTE, COM A MARIA!

ÔBA!

É A MINHA MÃE!

ENTÃO... PRECISAMOS REDUZIR O LIXO, CONSUMIR MODERADAMENTE É... HAM...

MAÍRA, QUERIDA SERÁ QUE VOCÊ PODE IR PARA SUA CARTEIRA, FILHA?

É A MINHA MÃE

HA HA HA HA HA HA HA HA HA HA

CARTINHAS DOS AMIGOS DA NATUREZA

Querido Diário:

Puxa! Como eu fiquei contente por a mamãe ter conseguido o trabalho! Agora ela vai poder ensinar muita gente a preservar a natureza!

Além do mais, o salário dela vai ajudar a manter a gente!

Eu até fiquei pensando nas pessoas que estão sem trabalho, e que têm filhos pequenos para sustentar!

Eu acho que poderiam aparecer mais firmas como a do professor Luís, que empregassem mais as pessoas. A firma dele é pequena, mas ele disse que o talento e boa vontade da mamãe iam trazer lucros! Um bom trabalho faz a gente se orgulhar da gente, disse a mamãe! Eu me orgulho dela!

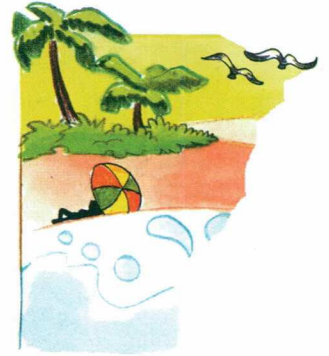


Um beijo

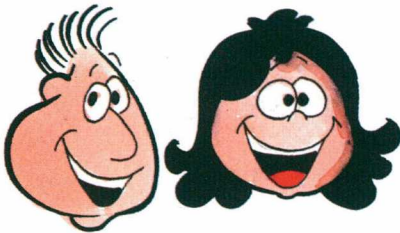


Mãe

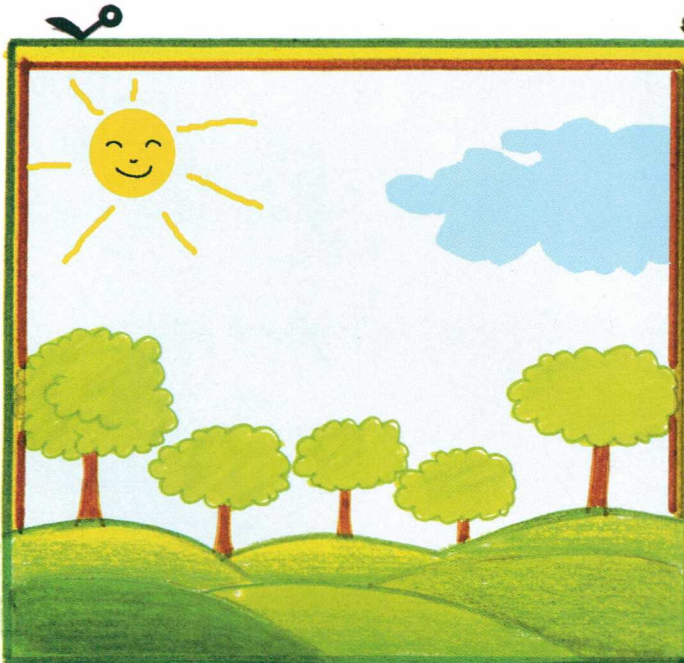
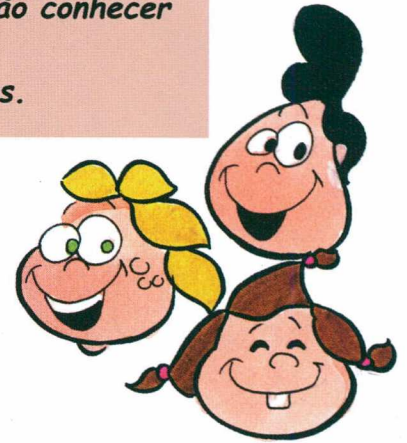
Eu acho que a gente tem que cuidar da natureza pois ela dá vida para as plantas, o ar, a água, os animais e para nós. Eu gosto muito da Natureza e agradeço a Deus por ela!
Diego Ferreira Batista



A Natureza é um presente maravilhoso que Deus nos deu e precisamos cuidar dela como cuidamos de nós mesmos. Não podemos cortar as árvores, poluir os rios, porque futuramente nossos filhos não poderão conhecer essas maravilhas!
Jamile Andressa, 8 anos.



CHEGOU NOSSA CARTEIRINHA!
AGORA VOCÊ FAZ PARTE DA TURMA!
RECORTE, DOBRE AO MEIO E COLE
SUA FOTO. DEPOIS PLASTIFIQUE E
MOSTRE PRA TODO MUNDO
QUE VOCÊ TAMBÉM A NATUREZA!



DOBRE



PROTETOR DA Natureza

FOTO

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

TELEFONE: _____

Faça Faculdade em São Paulo

CURSO SUPERIOR DE CIÊNCIAS

DA RELIGIÃO



CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

Duração um ano e meio

Início março 99

- ESPIRITUALIDADE
- SAGRADA ESCRITURA
- TEOLOGIA DA VIDA RELIGIOSA



FACULDADES CLARETIANAS



C R B

Conferência dos Religiosos do Brasil/SP



Rua Jaguaribe, 699 - Higienópolis - São Paulo - SP - Cep 01224001 Fone: 825-3377

Ave
MARIA

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/ 81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666 2128 / 3666 2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP



IMPRESSO